

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES ÍNDIGENAS  
LINGUAS ARTES E LITERATURA (LAL)

**O DESLOCAMENTO DOS PATAXÓ PARA MINAS GERAIS: FORMAÇÃO DA  
ALDEIA IMBIRUÇU, DENTRO DA TERRA ÍNDIGENA FAZENDA GUARANI**

**Adreano Pinheiro dos Santos**

BELO HORIZONTE

Setembro de 2020

ADREANO PINHEIRO DOS SANTOS

**O DESLOCAMENTO DOS PATAXÓ PARA MINAS GERAIS: FORMAÇÃO DA  
ALDEIA IMBIRUÇU, DENTRO DA TERRA ÍNDIGENA FAZENDA GUARANI**

Percurso acadêmico apresentado como pré-requisito  
parcial para obtenção do título de Licenciado do Curso de  
Formação Intercultural para Educadores Indígenas,  
Habilitação Língua, Artes e Literatura.

Orientador: Carlo Sandro de Oliveira Campos

BELO HORIZONTE

Setembro de 2020

## TEXTO DEDICADO A HEMÛGÃY (ONÇA)



FOTO: Edigar Kanaikô

Maria Rosa, também conhecida como Hemûgãy (onça), foi parteira, curandeira, grande conhecedora dos saberes do Povo Pataxó.

Hemûgãy era considerada a matriarca da aldeia. A mãe de todas partiu em 2017, mas deixou um grande legado aqui na terra. Com o falecimento do seu esposo, o cacique Mongãgá, passou a governar também ao lado de seu filho, Romildo, até o ano de seu falecimento.

Dona Rosa foi um grande exemplo de bravura, garra e força da mulher indígena. Foi uma dos exemplos das mulheres que acompanhou a história da T.I, que acompanhou ao lado de seu esposo, toda a luta pela conquista da terra. Foi uma anciã de grande respeito, e bastante conhecida, encantava todos por onde passava, com sua simpatia e receptividade, mas não deixava de ser arretada quando precisasse. Deixou seus grandes ensinamentos, que serão pra sempre lembrados em nossos corações.

Devota de Nossa Senhora Aparecida, ela fundou a que é comemorada em todo ano no mês de outubro, hoje cabe aos filhos a continuidade dessa festa.

Dona Rosa partiu cumprindo assim, sua missão aqui na terra. Porém, começou sua nova jornada como um ser de luz, que continua cuidando e protegendo e ensinando toda sua família, o dia do seu falecimento ficou marcado como feriado na aldeia Imbiruçu que é dia 11 de abril, por ser um forte liderança e matriarca conhecedora de suas tradições será sempre lembrada.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho para toda minha família, em especial os meus filhos Davi Miguel, Sarayú, minha esposa Nayá Ferreira, minha mãe Maria Hilda Conceição, meu pai Manoel Baz, e meus irmãos e irmãs, por me incentivar todos nesse momento de minha vida. Dedico também a toda a minha comunidade Imbiruçu pela compreensão nos momentos de ausência.

**MÚSICA EM HOMENAGEM AO CACIQUE MONGONGÁ E A MATRIARCA  
HEMÛNGÃY**

VIREI UM NAÔ (espírito)

Hoje eu vivo na mata com as plantas e os animais. 2x

Fui um homem um dia hoje não sou mais.

Virei um naô. 2x

Nessa terra não piso mais. 2x

Mais tenho certeza que eu posso proteger os meus carnis.

Eu me chamo mongangá estou com a Hemûgãy, e os nossos ancestrais.

Na aldeia pataxihay. 2x

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Niamissũ ( Deus).

Agradeço minha esposa Nayá Ferreira, que esteve todo o momento ao meu lado, me incentivando a me aperfeiçoar na área da Educação, para que pudesse passar ensinamentos de qualidade aos meus filhos, por ter me fortalecido a cada dia para lutar por essa Conquista;

Agradeço a toda minha família, aos meus pais em especial, por terem sempre acreditado em mim e me incentivado, em todos os momentos. Aos membros da comunidade Imbiruçu, que entenderam a minha ausência durante esse período de curso;

Agradeço às minhas lideranças, Cacique Txonang e vice Akairã;

Agradeço ao meu orientador, Carlo Sandro Campos, por suas ilustres orientações;

Agradeço a todos os meus entrevistados, porque sem eles seria impossível a realização deste trabalho: Romildo Alves Conceição, Ronaldo Alves Conceição, Lucidalva Alves Ferreira, José Luiz Ribeiro;

Agradeço ao amigo arqueólogo Pedro Fermin Maguire pela disponibilização de alguns materiais;

Agradeço a todo o núcleo FIEI, em especial aos professores que passaram por minha turma, agradeço ainda, ao FIEI, a oportunidade de ter conhecido outros povos durante o período de curso;

Agradeço minha comadre Patrícia e família, pelo que fizeram por mim nesse tempo de curso, e minha comadre Maria Flor (Txahá Pataxó), por também fazer parte desse momento da minha vida;

Um obrigado à Universidade Federal de Minas Gerais, por me proporcionar essa primeira formação;

Enfim, como não poderia esquecer, a imensa gratidão aos colegas da turma LAL, pelos momentos especiais por que passamos durante esses quatro anos: aos Pataxó da Bahia, aos Pataxó Hãhãhãe e aos colegas Xakriabá.

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo descrever o deslocamento dos Pataxó do Sul da Bahia para a Fazenda Guarani, situada no município de Carmésia, no estado de Minas Gerais, e contar a história da formação da aldeia indígena Pataxó Imbiruçu, localizada dentro da Terra Indígena Fazenda Guarani. Trago neste trabalho uma breve relato do que foi a Fazenda Guarani antes de se tornar uma Terra Indígena e depoimentos coletados com as próprias pessoas que participaram da formação da Aldeia Imbiruçu e contribuíram para que ela prosperasse. Além das entrevistas que realizei com eles, foi realizada pesquisa bibliográfica para entender a história da formação da Terra Indígena Fazenda Guarani, dados que foram buscados em artigos e em arquivos. Relato ainda a existência de outras aldeias que se formaram dentro da Terra Indígena Fazenda Guarani, e de outras que se formaram fora dos limites da TIFG. Trago as festividades da aldeia Imbiruçu e descrevo ainda ao uso do patxohã dentro da escola e no dia a dia. A partir desse trabalho procuro trazer toda luta e resistência que os primeiros Pataxó passaram pela luta do Terra Fazenda Guarani, e a partir dessa pesquisa que deixo também registrado a história da formação da aldeia Imbiruçu, e espero que esse trabalho venha contribuir dentro das escolas e dentro das aldeias da terra TIFG.

Palavras-chave: Pataxó, Fazenda Guarani, Pataxó de Minas, Aldeia Imbiruçu

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
OBJETIVOS.....	13
Objetivo geral.....	13
Objetivos específicos .....	13
METODOLOGIA.....	13
JUSTIFICATIVA.....	14
CAPÍTULO 1 - SOBRE O POVO PATAXÓ .....	15
1.1 Os Pataxó e sua língua materna.....	15
1.2 O Fogo de 51 e a conseqüente dispersão de grupos .....	16
1.3 O Deslocamento para Minas Gerais .....	16
CAPÍTULO 2 - A FAZENDA GUARANI .....	18
2.1 As quatro fases da Fazenda Guarani.....	23
2.2 Os primeiros índios Pataxó a chegarem à Fazenda Guarani.....	24
2.3 Sobre Barra Velha.....	25
CAPÍTULO 3 - ALDEIAS DA TERRA INDÍGENA FAZENDA GUARANI .....	26
3.1 A Trajetória do Cacique Mongãgá.....	30
3.2 Aldeia Pataxó Imbiruçu e as aldeias filhas que surgiram.....	33
3.2.1 Densidade demográfica da aldeia Imbiruçu .....	37
3.2.2 A escola na aldeia.....	40
3.2.2.1 A língua Patxohã e seu uso na escola .....	42
3.3 O espaço cultural Awê Kipay Mõgãgá .....	43
3.3.1 A Festa das Águas, uma tradição da aldeia Imbiruçu.....	45
3.3.2 Casamento Pataxó.....	49
3.3.3 Batizado Pataxó .....	52
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	55



## INTRODUÇÃO

Eu me chamo Adreano Pinheiro dos Santos, nasci no dia 23 de agosto de 1993, na aldeia Mata Medonha, no município de Santa Cruz Cabrália- Bahia. Filho de Manoel Braz dos Santos e de Maria Hilda da Conceição Pinheiro, tenho doze irmãos. De 1993 até 2000, vivi na aldeia Mata Medonha e tenho lembranças muito vagas dos tempos em que morei lá. Lembro-me de um campo de futebol e de dois rios que cortavam a Aldeia; lembro-me que andava de Canoa em um desses rios.

No ano de 2000, fomos embora, não só minha família, mas também outras treze; quatorze famílias em busca de melhoria. Como eu era criança e não tinha ainda nenhuma noção das coisas, achava que lá era um bom lugar para viver, mas meus pais contam que as condições não eram muito boas, meu pai relata que as terras lá já estavam muito fracas para o plantio, e não reproduziam mais, motivo esse que levou ao deslocamento dessas famílias.

Ainda no mesmo ano, fomos para um lugar chamado Rio Cahy, ainda na Bahia, onde se faria uma retomada de terra para a construção de uma nova aldeia. Não me lembro de muita coisa desse lugar, apenas de um rio, e lembro-me que os adultos nos diziam que era muito perigoso. Hoje eu sei que esse espaço era perigoso por se tratar de uma retomada de terra. Meus pais contam que ficamos nesse lugar por cerca de um mês e meio, mas eles não tiveram sucesso com a terra. Assim que começou o processo de retomada eles foram enganados. Meu conta que eles tiveram um chamado na FUNAI em Eunápolis-BA e todas as famílias foram. Porém, ao chegar lá, descobriram que havia sido mentira, a FUNAI não havia feito chamado. Ao mesmo tempo, na fazenda, suas coisas, que haviam sido deixadas lá, foram saqueadas pelos pistoleiros e por sem-terras e os membros da família de indígenas que possuía um pedaço de terra próximo da fazenda que era algo da ocupação foram escoraçados e o fazendeiro trocou a terra deles por outra na região da Bahia.

Logo depois desse acontecimento, nós, e mais treze famílias, nos deslocamos para outro lugar, desta vez para um sítio que ficava próximo a Cumuruxatiba, no município de Prado, na Bahia.

Lembro-me, vagamente, que esse sítio pertencia ao senhor Lídio e sua esposa Kitoki amigos das famílias que se migraram para lá, mas ele era muito pequeno e não suportava as quatorze famílias. Esse casal estava juntamente com as famílias na retomada

do rio Cahy. Foi então quando todos decidiram morar em uma área pertencente ao Parque Nacional do Descobrimento, que era protegida pelo Ibama, e, por isso, o uso da terra era muito limitado. Como era uma área protegida, não podíamos caçar e nem fazer derrubadas para fazer o plantio, essa nova terra foi tomada novamente por essas famílias, hoje ainda há uma aldeia lá conhecida como aldeia Pequi, mas não é uma terra demarcada. As áreas disponíveis eram pequenas para plantar e não atendiam por isso a todas as famílias.

Com essas mudanças de terras por onde passaram, e com a adaptação difícil a cada novo lugar, muitas famílias passaram por dificuldades quanto à alimentação, pois lá o meio de subsistência era apenas a agricultura, por serem proibidas a pesca e a caça. A venda do artesanato só era possível no verão, pois a vila de Cumuruxatiba é um atrativo turístico com suas belas praias e por isso era fácil a venda de artesanato para os turistas. Independente de todos esses acontecimentos, meus pais nunca deixaram que eu e meus irmãos ficássemos sem estudar.

Devido às dificuldades vividas no parque, no ano de 2004, viemos para o estado de Minas Gerais, por meio de uma irmã que já havia se estabelecido por aqui. Ela viera com meu tio no ano 2000 morar aqui na fazenda Guarani e, quando foi nos visitar no parque, ela contou aos meus pais sobre o lugar, que decidiram então que deveríamos vir embora para cá. O lugar era muito diferente daquilo a que estávamos adaptados. Lembro-me de quando chegamos, era noite e fazia muito frio; havia tantas montanhas que não fazia nem ideia de por onde tínhamos vindo. Ficamos, inicialmente, na Aldeia Retirinho. Não demorou muito para que eu e meus irmãos estivéssemos estudando novamente. Nessa época, eu estava na terceira série eu já sabia ler e escrever.

Quando estava na quarta série, fui embora para a Aldeia Imbiruçu. Muitas famílias saíram da Aldeia Retirinho e foram embora para lá, porque a Retirinho se tornou pequena com o número de pessoas que chegavam, e os pataxó estavam em constante movimento de migração para as terras mineiras.

Na aldeia Imbiruçu, já moravam minha tia que já habitava aqui desde os anos 70, e seus filhos com suas respectivas famílias. Na aldeia não tinha escola, então as crianças estudavam na Aldeia Retirinho, que ficava a alguns quilômetros de distância. Como a Aldeia Imbiruçu havia crescido, as lideranças e os professores mais velhos puxaram um galho<sup>1</sup> da escola para a aldeia. A partir daí então, toda a minha vida passou a ser ali na Imbiruçu. Estudei na aldeia do quarto ao nono ano, mas, quando passei para o ensino

---

<sup>1</sup> A puxada de galho se refere a um novo anexo da escola já existente. Segundo os nossos velhos, a escola Pataxó Bacumuxá tem dois galhos, que se originaram da escola principal.

médio, tive que estudar na cidade, porque na aldeia não tinha o ensino médio. Tive então que me adaptar aos novos colegas, ao modo de vida e ao estilo de ensino do não índio, porque na escola indígena a educação é diferenciada. Na minha turma de antes, havia de três a duas pessoas na sala, já na cidade as salas eram cheias.

No ano de 2012, me formei no ensino médio e, nesse mesmo ano, conheci minha esposa. Em julho de 2013, já me casei e logo veio meu primeiro filho. Então, tive que parar com o sonho de continuar os estudos. Em 2016, comecei a trabalhar na escola como professor na educação integral e, nesse mesmo ano, consegui me ingressar na faculdade, no FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) na UFMG.

Na época em que iniciei o curso na UFMG, nunca havia saído da Aldeia para ficar tanto tempo fora. Foi muito difícil sair e deixar minha família. O curso do FIEI é um curso modular, então dava para intercalar o curso com o trabalho na escola.

Em agosto de 2018, fui presenteado mais uma vez com um filho, desta vez, minha filhinha veio ao mundo quando estava no curso. Não pensei duas vezes e vim para casa.

O curso do FIEI foi de grande importância na minha vida, porque foi a partir dele que comecei a ter uma visão mais direcionada à educação escolar indígena, e foi por causa do curso que consegui desenvolver esta pesquisa acadêmica.

Neste trabalho, procurei compreender e esclarecer o deslocamento dos Pataxó do Sul da Bahia para Minas e a formação da Aldeia Imbiruçu, que se deu no ano de 1991, com a demarcação da Terra Indígena. Busquei tentar explicar a história da Terra Indígena antes de se tornar domínio indígena. Apresento, por isso, relatos colhidos pelos filhos, por arquivos e artigos da época e também pela experiência vivida por mim dentro do território. Muitas das informações que trago neste trabalho são histórias que ouvi dos mais velhos e que chegaram aqui quando a terra ainda não havia sido demarcada. Espero que com este trabalho muitas dúvidas que o leitor possa ter acerca do tema possam ser esclarecidas, assim como que para mim aconteceu, na medida em que a pesquisa se desenvolveu. A realização deste trabalho é de grande importância, pois nele procuro contar um pouco sobre a Aldeia Imbiruçu, sobre o estabelecimento do povo Pataxó em Minas Gerais e sobre as conquistas do Cacique Mongãgá e Hemũgãy. O cacique Mongangá (Sebastião) e Hemũgãy (dona Rosa) foram os principais autores da conquista do espaço da aldeia Imbiruçu. Ele que veio para as terras mineiras por meio do episódio do presídio colônia no ano de 1975, ela, sua esposa, veio tempos depois. Como o mesmo não podia sair da área do presídio, ela pôde vir até ele. Com o fim desse presídio, ambos, e também outras famílias conseguiram se estabelecer no lugar. Mongangá foi cacique por

cerca de 20 anos, até sua morte em 2003, que logo passou a ser chefiada por um dos seus filhos, Txonãg, juntamente com Hemũgãy, sua vice. No ano de 2017, Hemũgãy, também faleceu, por isso a aldeia segue ainda sob a chefia de Txonang. O desenrolar dessas histórias segue nas próximas sessões.

A história da nossa terra é ainda pouco conhecida, mesmo para os moradores das aldeias. Espero que a pesquisa possa contribuir para as futuras gerações, sendo material para consulta nas escolas e para interessados em geral.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Resgatar a memória da vinda dos Pataxó para o estado de Minas Gerais e da formação da aldeia Imbiruçu por meio de pesquisa bibliográfica e de pesquisa com os anciões.

### **Objetivos específicos**

1. Reconstruir a história do meu povo através das análises feitas com base em entrevistas feitas com membros anciões da comunidade, procurando recuperar o processo histórico que levou ao deslocamento de grupos de Pataxós do estado da Bahia para o estado de Minas Gerais;
2. Recuperar a história da Terra Indígena Fazenda Guarani;
3. Fazer um levantamento sobre os anciões e familiares que estavam presentes no processo de ocupação pelo território, procurando conhecer a história da família de dona Rosa, que foi a responsável pela formação da aldeia Imbiruçu;
4. Descrever algumas festividades da aldeia Imbiruçu.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com anciões da aldeia. A pesquisa se valeu também das minhas memórias de infância, de conversas informais com meus parentes e a partir de pesquisa bibliográfica realizada ao longo da minha formação.

## JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa foi realizada a partir de minhas poucas memórias pessoais relacionadas ao deslocamento da minha família do estado da Bahia para o estado de Minas Gerais. Com as minhas memórias, relatei histórias contadas pelos meus pais e por parentes, o conteúdo analisado de entrevistas semiestruturadas realizadas por mim com pessoas da comunidade Pataxó e a pesquisa bibliográfica que fiz sobre a história Pataxó e a Fazenda Guarani.

Minha expectativa em relação a esse trabalho é que as pessoas que tiverem acesso a ele, tenham facilidade para compreender a vinda dos Pataxó para Minas e o que foi a Fazenda Guarani e toda sua história até se tornar a Terra Indígena Fazenda Guarani.

Este trabalho poderá servir como fonte de consulta para pesquisas futuras sobre o deslocamento dos Pataxó para Minas Gerais, sobre a história da Fazenda Guarani e da Terra Indígenas que nela surgiu, a formação da aldeia Imbiruçu e as festividades típicas da minha aldeia.

Trago a importância da escola indígena *Pataxó Bacumuxá* dentro das aldeias, procurando mostrar que através dela buscamos o fortalecimento da cultura, como uso do *Patxohã*, buscando assim despertar a língua pataxó que viveu tanto tempo adormecida.

Espero que este trabalho seja uma contribuição especialmente para a escola e que possa assim esclarecer os que vieram ou nasceram depois da formação da Terra Indígena e que não conheceram sua história.

É de suma importância para a nossa comunidade buscar compreender a história do povo Pataxó e da Fazenda Guarani, e este trabalho pode ser uma ferramenta para essa tarefa, assim é o meu desejo.

## **CAPÍTULO 1 - SOBRE O POVO PATAXÓ**

Os Pataxó são grupos de ameríndios que tradicionalmente vivem na região do sul da Bahia e no passado percorriam as matas dos estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo até o litoral. hoje em diversas áreas localizadas em três estados brasileiros, no extremo sul da Bahia, no centro-leste de Minas Gerais e mais recentemente numa aldeia no estado do Rio de Janeiro, no litoral sul, em Paraty. A Bahia é o estado brasileiro em que há mais aldeias, cerca de 36. Em Minas Gerais, há oito aldeias e apenas uma no Rio de Janeiro. Todas as aldeias se originaram a partir de Barra Velha, na Bahia, que é considerada a Aldeia-mãe.

Os Pataxó foram o primeiro povo indígena a ter contato com a civilização não indígena no Brasil, contato este que se deu a partir da invasão do Brasil, no início do século XVI pela esquadra de Pedro Álvares Cabral. Esse contato fez com que nós indígenas fôssemos obrigados a deixar de falar nossas línguas, a esconder nossos costumes, a deixar de praticar os nossos rituais e a deixar de sermos nós mesmos.

O povo Pataxó habitava as florestas da Mata Atlântica que existiam entre a Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais. A partir da colonização da região e, conseqüente derrubada das matas, fomos catequizados, escravizados e confinados em pequenas extensões de terra. O contato e a conseqüente dominação nos trouxeram doenças e roubaram as nossas terras.

### **1.1 Os Pataxó e sua língua materna**

No passado, as línguas Pataxó eram faladas nas regiões que hoje incluem os estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo. A língua Pataxó se dividia em pelo menos duas variedades linguísticas que pertenciam ao tronco Macro-Jê e à família Maxakali, o mesmo tronco e a mesma família a que pertence a língua Maxakali e pertenciam outras línguas que não sobreviveram à colonização, como o Malali, o Makuni, o Panhame e o Koropó segundo (CAMPOS, NÃO PUBLICADO). As duas variedades da língua Pataxó eram o Pataxó meridional e o Pataxó setentrional, este último mais conhecido como Pataxó Hãhãhãe, eram, provavelmente, pela semelhança, duas variedades de uma mesma língua (CAMPOS, 2011). Infelizmente as duas variedades não sobreviveram plenamente à violenta repressão dos colonizadores, tema de que tratarei na

próxima seção, e a última falante de Pataxó Hãhãhãe, Bahetá, morreu nos anos 60 sem que a língua pudesse ter sido documentada adequadamente.

Desde 1998, o povo Pataxó tem se empenhado em recuperar sua língua, rebatizada de Patxohã (cf. BOMFIM, 2017). Comentarei sobre o Patxohã e sobre seu uso pelo povo Pataxó especialmente na escola, na seção 3.2.2.1.

## **1.2 O Fogo de 51 e a consequente dispersão de grupos**

O Fogo de 51 é a denominação pela qual o massacre de parentes na Aldeia Barra Velha na Bahia ficou conhecido. Os Pataxó sempre foram perseguidos desde a colonização, mas o Fogo de 51 foi um dos acontecimentos mais marcantes que aconteceu ao povo Pataxó. Esse conflito ocorreu entre os Pataxó e os policiais da região de Porto Seguro e de Prado. O fogo de 51 foi outro marco muito grande na história do povo Pataxó, um incêndio tido como criminoso que devastou toda a terra de barra velha. Nesse massacre, os indígenas tiveram suas casas queimadas, foram chicoteados, brutalmente espancados, torturados e há relatos de estupros de mulheres e de crianças e mortes por policiais. Essa dolorosa história deixou marcas profundas na memória do povo pataxó e hoje há muito receio de ficar lembrando esse fato, que ficou conhecido como o fogo de 51. Com isso, houve uma dispersão muito grande do povo Pataxó e muitos grupos fugiram para tentar sobreviver.

Uma das consequências provocadas pelo Fogo de 51 foi a dispersão de vários grupos de Pataxós para outras regiões do Brasil em busca de segurança para suas famílias. Essa dispersão e o consequente estabelecimento de aldeias Pataxó fora da Bahia acabariam provocando outras dispersões nas décadas seguintes. Na próxima seção, tratarei sobre uma das consequências do Fogo de 51, o deslocamento de famílias para Minas Gerais.

## **1.3 O Deslocamento para Minas Gerais**

A partir do Fogo de 51, houve uma dispersão de vários grupos Pataxó. Os grupos que permaneceram em Barra Velha foram se isolando em pequenas terras indígenas. Esse isolamento aconteceu ao poucos, à medida que os colonizadores iam chegando e tomando para si as terras. Por causa disso, os grupos Pataxó foram sendo ilhados em suas próprias terras. Mais tarde, com muita luta, as terras tradicionais foram sendo reconhecidas, aos poucos, pelo estado brasileiro depois de muitos conflitos, o que acontece até hoje. Os



grupos que se dispersaram para outras regiões do Brasil, inclusive para Minas Gerais, onde, mais tarde, seria criada mais uma nova terra indígena Pataxó fora do estado da Bahia, foram criando novas aldeias em que foram se fixando. Os grupos que se refugiaram em Minas Gerais foram para o município de Carmésia, nas terras localizadas onde havia a Fazenda Guarani, de que tratarei a seguir.

## CAPÍTULO 2 - A FAZENDA GUARANI

A fazenda Guarani em que está hoje localizada a Terra Indígena Pataxó de mesmo nome, Fazenda Guarani, está localizada no município de Carmésia, em Minas Gerais. A fazenda pertenceu ao chamado Coronel Magalhães, um descendente europeu.

Na época do coronel, a fazenda era uma das principais propriedades responsáveis pelo abastecimento dos municípios vizinhos, mas contribuía também não só para a economia agrícola da região, mas também de grandes capitais brasileiras como o Rio de Janeiro. De suas lavouras, eram transportados produtos como café, feijão, milho, laranja, toucinho, cachaça e até vinho e seda. Esses produtos eram transportados em grande escala por meio de animais (burros) em grandes tropas e assim eram escoados para as outras regiões. A próspera economia da fazenda contava com mão de obra escrava. A fazenda Guarani era considerada a maior colônia agrícola da região, era pra lá que se voltava toda economia.



Foto: imagem da internet (disponível em: <https://apublica.org/2013/06/um-campo-de-concentracao-indigena-200-quilometros-de-belo-horizonte-mg/>)

“A estrutura da fazenda era composta de casarões, dentre eles suas fabricas de vinhos, de sapatos, vinagres e tecidos. Havia também os casarões que eram construídos dentro das grotas, também conhecidas como vales, próximos às lavouras. Cada um dos casarões tinha capacidade de comportar entre duas e três famílias. Cada casarão era próximo à sua área de plantio, que se estendia por uma área muito vasta. Havia plantio de

café, arroz, milho, laranja, uva, mandioca, dentre outros. As histórias sobre o Coronel Magalhães contada pelos mais velhos são muito frequentes. Foram passadas a eles por pessoas que conviveram na época com o coronel”. (Trecho retirado de um vídeo disponibilizado pelo arqueólogo Pedro Fermin Maguire).

Na época em que os Pataxó começaram a habitar essa área, meados dos anos 70, o coronel Magalhães já havia falecido há cerca de trinta anos. Eles relatam que na época em que o coronel era vivo, ele tratava muito mal seus escravos. Apesar das péssimas condições em que viviam seus escravos, conta-se que seus animais eram tratados com carinho e apreço. Por isso é comum ouvir dizer que ele tinha parte com o demônio, o que explicaria a riqueza do lugar e o clima sombrio que havia ali no passado, segundo contam os relatos. De fato, Souza (2015) comenta a respeito de relatos vindos de indivíduos Pataxó em que mencionam a estranheza do lugar:

“(....) os pataxó sempre o diziam, sobre as histórias da Fazenda Guarani, sejam elas nas aldeias Retirinho, Imbiruçu, Muã Mimatxi ou Jeru Tucunã, contavam sempre as mesmas histórias, de que a Fazenda Guarani não era uma fazenda qualquer. Contavam com muito receio, que a fazenda era rica e farta na época do coronel. Ainda falam quem eram os seus trabalhadores, a fazenda abrigava quase duas mil pessoas. Havia sapataria, pousada, farmácia, correios, em suma, havia de tudo na fazenda, afirmavam os pataxó. No entanto, não era incomum ouvir que a Fazenda construída por Magalhães não deixava de ser um lugar “estranho.” (SOUZA, 2015, p. 63)

De acordo com o trecho citado pelo autor, aquilo que eles chamavam de “estranho” era o fato de o lugar ser mal assombrado, eles diziam que havia muita presença de espíritos, ainda hoje é muito comum ouvir alguém dizer que viu ou ouviu ruídos de assombração.

No ano de 1946, com o falecimento do coronel, sua fazenda passou a ser do estado de Minas gerais. Em 1972, parte dela foi doada à FUNAI, que nessas alturas já era dirigida por militares:

“(...) o estado doou parte do território de Carmésia para a Fundação Nacional do Índio para abrigar índios expulsos de suas terras em Porto Seguro, na Bahia. Esta terra pertencia ao Coronel Magalhães e era a maior colônia agrícola da região. Por ocasião da sua morte, como não deixou herdeiros, a colônia foi doada ao estado, que a repassou para administração dos militares, que a utilizaram como campo de treinamento. É denominada “Terra Indígena

Guarani” e, nela, atualmente, moram famílias da etnia pataxó.” (Fonte: Wikipedia. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Carm%C3%A9sia>> Acesso em 01/09/2020).

Souza (2015) conta ainda que, após a morte do Coronel, parte das as famílias que trabalhavam para ele foram permitidas a ficar ali porque ainda havia casas e lavouras para cuidar, embora agora fosse tudo comandado pela tutela dos militares.

A base militar na Fazenda Guarani durou cerca de três anos, mas logo em seguida as terras foram trocadas pelas terras dos índios Krenak, que já funcionava como um reformatório indígena. Havia grande interesse do governos e também por parte de fazendeiros e de posseiros nas terras dos Krenak.

Ainda segundo Souza (2015), tudo isso ocorreu

“(…) em função de uma série de conflitos, envolvendo uma empresa mineradora, grileiros, fazendeiros da região e indígenas, o Reformatório Indígena Krenak em Resplendor foi transferido, no final de 1972, para uma extinta base militar em Carmésia (MG), já mencionada anteriormente. O reformatório é reinstalado na área da antiga Fazenda Guarani, cedida pela Polícia Militar de Minas Gerais à FUNAI em troca do território Krenak em Resplendor (MG), através de um acordo intermediado pelo capitão Pinheiro.” (SOUZA, 2015, pág. 76)

Grünwald (1999) cita que os Krenak foram então transferidos para lá e obrigados a viver como prisioneiros, pois não gostavam do lugar que era comandado pelo SPI ( serviço de proteção aos índios). Como este órgão já tinha mesmo que prender lá os Krenak, a área começou a ser usada como presídio indígena. Na realidade, de acordo com Souza (2015):

“(…) a história do Reformatório indígena não se iniciou na Fazenda Guarani. O seu ponto de partida se iniciou em Resplendor (MG), nas terras indígenas Krenak, onde fora instituída oficialmente em janeiro de 1969, justo onde funcionava o Posto Indígena Guido Marlière.” (SOUZA, 2015, P. 75)

O autor afirma que, no território Krenak, em Resplendor, “foi construído um prédio seguindo-se o modelo de um presídio agrícola, em que os índios eram disciplinados e obrigados a trabalhar”. (SOUZA, 2015, P. 75)

Esse período, conhecido como colônia penal ou reformatório indígena, foi um início de um genocídio indígena, pois começaram ser levados para o presídio até mesmo índios que viviam embriagados com a intenção de serem reeducados. Até mesmo índios com problemas mentais, como é citado em uma reportagem de André Campos<sup>2</sup>.

No período da ditadura militar, chegou a ser formada uma guarda militar composta por indígenas. Esses indígenas, pertencentes à Guarda Rural Indígena (GRIN)<sup>3</sup>, tinham treinamento militar e tinham como objetivo punir seus parentes quando não obedecessem:

“O Reformatório Agrícola Indígena Krenak e Fazenda Guarani, dois centros de detenção de índios criados nas décadas de 1960 e 1970, representam apenas um dos aspectos do modelo de vigiar e punir imposto às aldeias nos anos de chumbo da ditadura.” (CAMPOS, 2013)

Dessa forma, sob o poder dos militares, a colônia penal passou a receber índios de toda parte do Brasil, reprimindo, torturando e aculturando indígenas. Lá passou a ser possível encontrar índios das etnias Krenak, Maxacali Guarani, Karajá, Terena, Asheninka (Kampa), Maué, Xerente, Pankararú, Bororo, Kaiwa, Gamela, Funiô, Pataxó, Xakriabá, entre outros povos (dossiê da Funai sobre a Fazenda Guarani).

Souza (2015), aponta, por exemplo, que, em 15 de dezembro de 1972, foram transferidos para lá 36 Krenak e 19 índios confinados, bastante insatisfeitos, em função da transferência forçada pelos militares. Passados mais alguns meses, em 8 de agosto de 1973, mais 32 índios Guarani e 12 Tupiniquim chegam ao Reformatório, além de índios Pataxó (nem a quantidade nem os nomes foram especificados), que chegaram em 1975.

Os indígenas eram levados para essa base militar com a intenção de serem disciplinados e “civilizados”, pagando assim o seu “delito” cometido. As pessoas de diferentes povos levados para lá, além de viverem em condições desumanas, eram

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://apublica.org/2013/06/um-campo-de-concentracao-indigena-200-quilometros-de-belo-horizonte-mg>> Acesso em 15/03/2020.

<sup>3</sup> As Guardas Rurais Indígenas (GRINs) foram criada por uma repartição da FUNAI, a Ajudância Minas Bahia, com apoio da Polícia Militar de Minas Gerais segundo Campos (2013).

torturados pelos próprios parente e presos por não aceitarem o que lhes era imposto, geralmente exercícios físicos e trabalho braçal. A respeito disso, Filho (2015) menciona:

“As condições eram precárias, mas a quantidade de índios que chegaram a partir da instalação do novo “presídio” confirma que da mesma forma que o capitão Pinheiro não se importava com a estrutura física, as condições sanitárias, a alimentação, as vestimentas, as doenças e as acomodações, o novo chefe da Ajudância Minas-Bahia, Itatuitim Ruas, também ignorou os critérios humanitários básicos quando aceitou a incumbência de comandar desde Belo Horizonte aquela instituição prisional.” (FILHO, 2015, pág,164)

Filho (2015) ainda cita que as formas de maus-tratos e torturas aumentavam à medida que o confinamentos recebia novas pessoas:

“Essas decisões se tornaram mais recorrentes na medida em que o número de confinados aumentava e as finanças bem como a logística da Fazenda Guarani entravam em declínio. Neste sentido, os expedientes mais frequentes, utilizados tanto pelo Chefe da Ajudância, quanto pelo oficial responsável pelo confinamento, foram: o aumento da repressão interna com a utilização da solitária (cela isolada onde o preso não via a luz do dia e não tinha espaço para ficar de pé); castigos físicos (surras e humilhações) e torturas (um dos tipos mais comuns dessa prática foi relatado em 2012 por um ex-confinado ao jornalista André Campos da revista Carta Capital quando o mesmo afirmou que era comum obrigar os índios, considerados mais indisciplinados, a beber leite fervendo e depois tomar água gelada para que os mesmos ficassem imóveis durante várias horas)” (FILHO, 2015, pág, 175)

O sistema prisional durou cerca de 7 anos, com início no de 1972, e sua desativação foi em 1979. Assim, os primeiros Pataxó que foram para a Fazenda Guarani ainda presenciaram parte desse sistema prisional que foi no ano 1975 em suas chegadas. Os mais velhos contam que quando chegaram a colônia penal já estavam passando por mudanças, mais que muitos do que se encontravam presentes contavam as momentos de horrores por que passaram naquele lugar.

Com a desativação da colônia penal, muitos indígenas retornaram para suas terras natais, com exceção dos Pataxó e alguns Krenak que inclusive houve casamentos desses dois povos com a convivência na terra indígena. pois com as terras sob o comando da FUNAI, ali mesmo ficaram com a intenção de transformar aquelas terras em Terra Indígena. Na tabela abaixo, apresento as principais fases da Fazenda Guarani:

## 2.1 As quatro fases da Fazenda Guarani

PERÍODO	DATA APROXIMADA	CARACTERÍSTICAS
Fazenda Guarani no tempo do coronel Magalhães	Até o ano de 1946, a fazenda se encontrava ainda administrada pelo próprio proprietário o coronel Magalhães.	Propriedade do Coronel Português José Ribeiro Pereira Magalhães
Fazenda Guarani no tempo dos Militares	Com o falecimento do coronel, a fazenda passou a ser do governo e a ser usada ainda por famílias do tempo do coronel. Três anos antes do período colonial, provavelmente em 1968, essa área passou a ser comandada por militares.	A fazenda foi usada durante três anos sob o comando de militares como base de treinamento anti-guerrilha
Fazenda Guarani no período colonial penal	A colônia penal se iniciou no final dos ano de 1972, até 1974 seu funcionamento era de forma brutal por meio de de torturas. Em 1975, os castigos foram amenizados, sendo que os índio já podiam receber visitas de familiares, como no caso de alguns pataxó, que com o fim da	Em 1970 parte dela foi doada à FUNAI, transformando a em uma colônia penal (reformatório indígena) onde eram mandados aqueles índios que eles consideravam criminosos.

	colônia penal permaneceram ali mesmo por volta do ano de 1979.	
Fazenda guarani no tempo do TI	Em 1991 o território fazenda guarani foi homologado e demarcado e que é até os dias atuais.	Nos anos 90, a fazenda foi homologada e demarcada se tornando território indígena.

A construção dessa tabela foi baseada em SOUZA (2015)

## 2.2 Os primeiros índios Pataxó a chegarem à Fazenda Guarani

A história da chegada dos primeiros Pataxó a terras mineiras vem carregada de inúmeras causas, como o Fogo de 51 no qual houve a dispersão do povo Pataxó, a diminuição das extensões de terra na Terra Indígena Barra Velha e a criação na Fazenda Guarani do Reformatório Indígena Guarani como colônia penal.

Um das das principais pessoas que foram a chegar na Fazenda Guarani no ano de 1975, foi seu Manoel como relata; Grunewald (1999), ele ainda é residente de uma das comunidades do território indígena Fazenda Guarani. O Sr. Sebastião (Mongangá) que faleceu no ano de 2003 e Sr. Divino que ainda reside em uma das aldeia do território. Todos eles com um histórico de jornada que se inicia no extremo sul da Bahia.

Grunewald (1999) informa que Seu Manoel morava em Caraíva, lugarejo próximo à Aldeia Barra Velha, no extremo sul da Bahia. Relatos indicam que ele se envolveu em uma confusão próximo a Caraíva e nela cometeu um homicídio. Esse acontecimento não foi bem aceito pelos demais indígenas e por essa razão a FUNAI resolveu mandá-lo para Carmésia, onde já funcionava o sistema prisional militar para indígenas, para que ele cumprisse sua pena.

Logo depois, Sebastião e seu irmão divino, como aponta Souza (2015), vieram por um motivo semelhante ao do Seu Manoel para a Fazenda Guarani. Sobre a trajetória de Sebastião e de seu irmão Divino, tratarei com mais detalhes e com enfoque maior na seção seguinte, pois é a partir deles que se formou a Aldeia Imbiruçu.

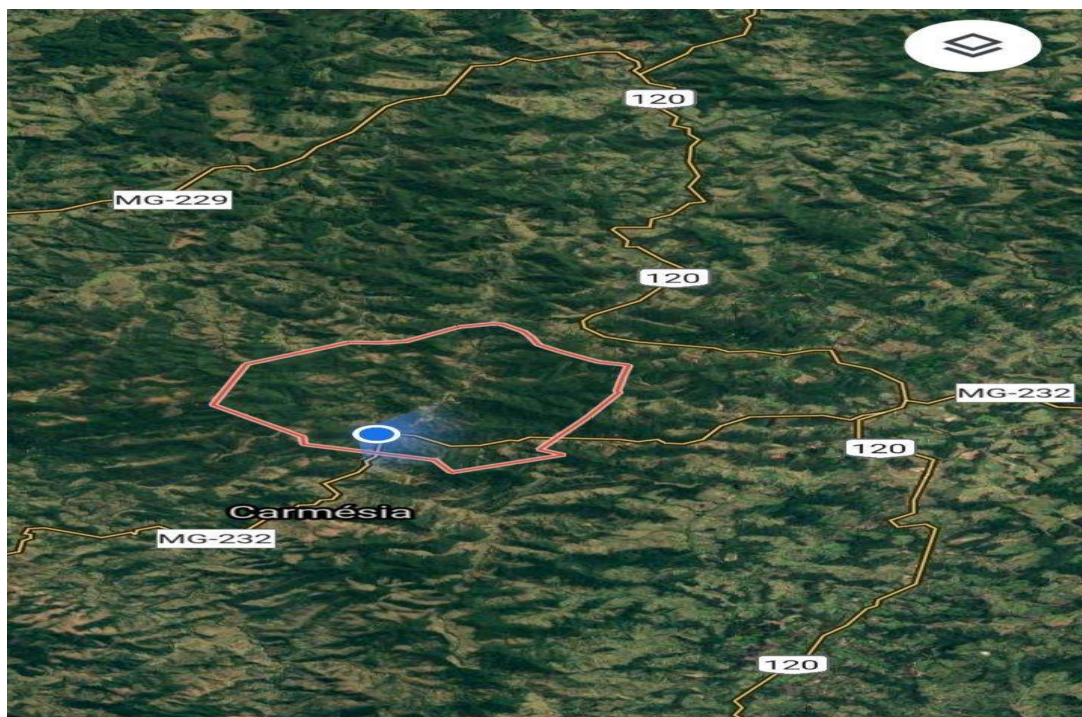


### **2.3 Sobre Barra Velha**

Segundo Guedes (2017) a Terra Indígena Barra Velha está situada no município de Porto Seguro, no Extremo Sul do Estado da Bahia. Homologada pelo decreto 396 de 24/12/91, possui uma área de 8.627 hectares, onde estão situadas as aldeias Barra Velha, Boca da Mata e Meio da Mata. Esta demarcação, contudo, não correspondeu totalmente o território tradicional do Povo Pataxó, pois parte dessa área está sob o poder da União, através do Parque Nacional e Histórico de Monte Pascoal.

### CAPÍTULO 3 - ALDEIAS DA TERRA INDIGENA FAZENDA GUARANI

Com o fim do reformatório indígena, apenas Manoel, Sebastião e o seu irmão Divino permaneceram na Fazenda Guarani com a intenção continuar morando lá. Suas famílias vieram da Bahia e os demais indígenas não Pataxó foram deixando a Terra Indígena e retornando para suas terras de origem.



Mapa da mata da reserva indígena (Fonte: google, Acesso em 28/08/2020)

A fazenda sob o comando da FUNAI não tinha nenhuma condição de se como estava, pois a mesma alegava que as terras não seriam de índio e por isso tinha a intenção de devolver as terras ao estado (SOUZA 2015, pág, 80). Seu Sebastião, como carregava em suas veias sangue nômade, não conseguia permanecer por muito tempo nos lugares e não se encontrava mais nas terras, ficando na fazenda só a família de Baiara e de seu Manoel. Ainda contra a vontade da FUNAI, mais tarde conseguiram mandar a família de Baiara, porém para outra terra no Espírito Santo. A de seu Manoel, no entanto, resistiam. Nas jornadas de Sebastião, ele passou por Brasília e chegou até o Espírito Santo, onde ele encontrou a família de Baiara novamente por ter sido mandada para lá pela FUNAI.

Foi quando ele decidiu chamar a família dele para retornar para a Fazenda Guarani e lutar por aquelas terras. Ao retornarem, deparam ainda com a família de seu Manoel que nunca saiu dali. É quando então eles retornam à luta da terra.

A área então passou a ser ocupada basicamente por essas três famílias a do seu Manoel, a famílias do cacique Mõgãgá e a do cacique Baiara. Ambos eram descendentes de Barra Velha, sendo que Baiara morou um tempo no Espírito Santo e em seguida voltou para Carmésia, como já mencionei acima. A família de seu Manoel vivia em uma área fora da aldeia Barra Velha, numa área urbana da região. Todos eles tinham famílias numerosas e foram ocupando a Fazenda Guarani.

Com um número maior de pessoas na reserva, a luta pela sobrevivência e pela demarcação passou a ser árdua e acirrada, como cita Souza (2015)<sup>4</sup>:

“Esse período de transição, designado como o “tempo da dureza”, foi marcado por muitas lutas. Os grupos familiares se espalharam pela fazenda, plantando roças de milho, feijão, arrendando pastos, negociando animais (bezerro e vacas), viajando para Belo Horizonte, para vender peças artesanais e realizar apresentações nas escolas a fim de obter apoios diversos com vistas a assegurar o direito de permanência na fazenda, após a desativação do RIN.”  
SOUZA, 2015, pág.83)

Sobre a demarcação da Fazenda Guarani, Souza (2015) comenta:

“Em 1991, com o apoio obtido do CIMI90, que já tinha contato com os Pataxó desde o tempo doído do RIN, a luta pela demarcação do território junto ao governo de Minas Gerais é exitosa. Depois de mais de uma década de ingentes esforços, muitas viagens e reuniões, eles conseguem homologar o território como uma Reserva Indígena. Afinal, a FUNAI reconheceu que alguns índios nunca haviam se retirado do local que havia sediado o extinto RIN. (SOUZA, 2015, pág.84)”

A Reserva Indígena Fazenda Guarani foi homologada pelo Decreto Presidencial nº. 270 de 29 de outubro de 1991, estando localizada no Vale do Rio Doce, a 200 quilômetros da Belo Horizonte, em uma área próximo ao municípios de Carmésia. Com uma área de 3.269,71 ha, a Terra Indígena é hoje denominada Território Indígena Fazenda Guarani. Cercada pelo bioma Mata Atlântica, a Terra Indígena possui uma gigantesca

---

<sup>4</sup> RIN é a sigla empregada por Souza (2015) para Reformatório Indígena.

biodiversidade tanto da flora quanto da fauna. Quanto ao relevo, ele é basicamente composto por montanha.

A Fazenda Guarani vem sofrendo ao longo dos anos grandes impactos ambientais ocasionados pelas fazendas vizinhas, como resultado das queimadas e do desmatamento da vegetação próxima às nossas nascentes.

Como vimos no início deste trabalho, nem todos os Pataxó que hoje vivem no estado de Minas Gerais são nascidos na Terra Indígena Fazenda Guarani. Boa parte dos Pataxó mais velhos são oriundos da Aldeia Barra Velha, tendo vindo para Minas por causa do fogo de 51, da escassez de terras na Bahia e finalmente por causa do presídio Indígena Fazenda Guarani, conforme relatado anteriormente.

A Aldeia sede Guarani foi umas das primeiras aldeias a serem formadas no município de Carmésia na década de 1980 com o fim do regime militar na aldeia. A aldeia sede foi construída na região em que se encontrava o presídio e por isso ainda há a presença tanto de restos do presídio quanto das construções da época da fazenda.

No início, quando houve a demarcação da Terra Indígena Fazenda Guarani, todos os Pataxó que vieram da Bahia habitavam a mesma aldeia, a Aldeia Sede, cujo nome alude à sede da antiga Fazenda Guarani. Com o decorrer do tempo, com o grande fluxo de pessoas que vinham da Bahia, por limitação do espaço, foi decretada uma divisão dentro da Terra Indígena.

Os critérios para essas divisões dentro da terra se deram através dos grupos familiar, porque naquela época a família do Pataxó eram muito grandes e com isso era possível se notar grupos familiar muito extenso como por exemplo a do cacique Mongangá com seu irmão.

A partir daí, cada grupo formou aldeias distintas. A família do seu Manoel, da do seu Zuza e a do seu Baiara eram de grupos diferentes, mas, mesmo assim, permaneceram na aldeia sede, pois, com a saída do grupo de seu Sebastião e seu Divino, a aldeia ganhou mais espaço.

Seu Sebastião formou a aldeia Imbiruçu<sup>5</sup> e o seu Divino a aldeia Retirinho, mas era o Sebastião quem exercia a função de cacique em ambas aldeias. Mais tarde, houve um desentendimento entre eles que acabou desencadeando uma separação do cacicado e cada uma das aldeias seguiram com sua própria autonomia.

---

<sup>5</sup> Sobre este tema, tratarei mais adiante.

Durante esse período, a Terra Indígena Fazenda Guarani passou a ser composta por essas três aldeias, aldeia Sede Guarani, aldeia Imbiruçu e aldeia Retirinho. Já era notável que o número de famílias nessas aldeias ia crescendo, pois sempre havia uma família migrando da Bahia para as terras mineiras.

Além dessas divisões realizadas dentro da terra Fazenda Guarani, outros grupos Pataxó que lutaram para a construção da terra e nela residiam partiram para outras localidades fora dos limites da reserva. Isso aconteceu porque havia uma limitação de espaço e de recursos na Fazenda Guarani, o que impôs a busca por outras regiões para morar. A saída de alguns grupos da Fazenda Guarani originou assim outras aldeias Pataxó no estado de Minas Gerais.

Por causa dessa saída, hoje há grupos Pataxó no município de Itapeçerica, na aldeia Muã Mimatxi; no Município de Açucena, na aldeia Geru Tucunã; no município de Guanhões, na Serra da Candonga, na Aldeia Mirueira e ainda outro grupo no Município de Araçuaí, na aldeia Jundiba Cinta Vermelha, junto ao povo Pankararu.

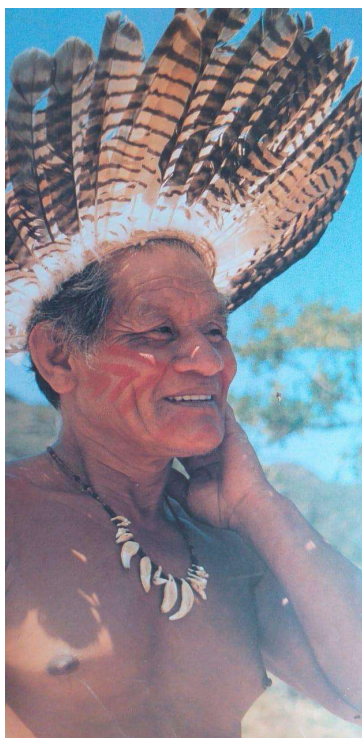
No ano de 2019, uma nova aldeia se formou dentro da Terra Indígena Fazenda Guarani, aldeia Kanã Mihay Retinho (minha riqueza em Patxohã – quando o primeiro grupo habitou o espaço já era denominado Retinho). Ela surgiu a partir da aldeia Imbiruçu, com a saída do ex-vice cacique Soim, pois ele notou que já havia um grupo familiar e que assim ele poderia ter autonomia suficiente para formar sua própria aldeia. Ela herdou o nome Retinho, pois a mesma foi construída onde era a antiga aldeia Retinho, que citei logo acima, daí os novos membros acrescentaram a expressão Kanã Mihay.

Nesse tempo, a aldeia Retirinho já não existia mais, porque o grupo que ali habitava se mudou para um outro espaço da Terra Indígena, que então recebeu o nome de Encontro das Águas, grupo esse pertencente ainda ao seu Divino.

Atualmente, a terra indígena Fazenda Guarani encontra-se com quatro aldeias, a aldeia Sede Guarani, aldeia Kanã Mihay Retirinho, aldeia Encontro das Águas e aldeia Imbiruçu, a qual darei mais detalhes adiante. Cada aldeia segue com suas formas distintas de organização e com suas formas de liderar. Apesar dessas divisões, que aparentemente poderiam sugerir que os Pataxó não são unidos, pode-se notar que, na hora de reivindicar o direitos, todas elas se unem como se fossem uma só. Por isso, cada aldeia Pataxó exerce a função de fortalecer a cultura, as tradições e os costumes Pataxó.

### 3.1 A Trajetória do Cacique Mongãgá

Nesta seção, reproduzo relatos sobre a vida do seu Sebastião, também conhecido por Cacique Mongãgá. Tais relatos foram conseguidos a partir de falas de alguns dos seus filhos, do Cacique Luíz José Ribeiro, também conhecido como Cacique Soim, e em histórias contadas por eles com frequência.



Mongãgá (In: O lugar onde a terra descansa, livro por Moura,2000 e Krenak,2000,pág.84

Cacique Mongãgá nasceu na aldeia Barra velha, filho de Eduardo e de Leopoldina. Contam seus filhos que ele foi um dos sobreviventes do Fogo de 51, evento já relatado acima. Eles não se recordam da idade que o pai tinha naquele tempo, mas estimam que deveria ter entre oito e nove anos. Quando o massacre de 51 ocorreu, ele foi separado dos seus pais, pois, com as cenas de horror que ele viu naquele dia, ele saiu correndo pela mata adentro e passou cerca de um mês lá dentro assustado. Depois ele reencontrou seus pais, novamente estabelecidos em uma fazenda vizinha.

Tempos mais tarde, eles retornam a Barra Velha, onde sua família lutou tanto para se reerguer depois do acontecido. Mais tarde, vem o falecimento de sua mãe, ficando ele, seu irmão Divino e mais dois irmãos ainda pequenos com seu pai. Logo em seguida, seu pai os deixa. Então, aos 11 anos, Sebastião ficou responsável por cuidar dos seus irmãos. Como o mais novo tinha poucos meses de nascimento, os padrinhos dele pediram para ficar com o neném. Por não ter outra opção, Sebastião entrega a criança a eles.

Daí em diante, ele é quem criou os seus irmãos. Foram tempos difíceis e de lutas, pois ele se via na obrigação de cuidar e criar seus irmãos sem ter ajuda e experiência para a tarefa. Para sustentar seus irmãos, ele passou então a pescar e a caçar. As pessoas viam a luta que era para ele cuidar da sua família e um dia a madrinha de sua irmã pediu a ele para cuidar da criança. Ele então aceitou e ficou apenas com o Divino.

O tempo passou e ambos se casaram e cada qual formou sua família. Como na época o trabalho era escasso, eles começam a trabalhar nas fazendas das redondezas. É a partir daí que começa a jornada deles para o estado de Minas Gerais. De acordo com um de seus filhos, Ronaldo:

“Então, meu pai tinha o hábito de andar muito. Ele trabalhava nas fazendas lá na Bahia, mais só que trabalhar em fazenda não dava lucro para sustentar os filhos, aí, no período que foi a demarcação de barra velha, é... diminui o espaço, quem tinha uma área vasta para caçar, pescar nos rios, e com essa diminuição, e como pai tinha conhecimento com o pessoal da Funai, né? Ele veio pra cá. Mais antes é..., ele veio também por quando ele estava em Valadares no anos 70, eles tinha um terreno chamado fazenda do Ministério lá em Valadares, pertinho de Valadares.”

Assim como cita Ronaldo, a Fazenda do Ministério era uma área que pertencia à FUNAI. Por lá passavam muitos índios, de várias etnias. Como a sede da FUNAI era em Governador Valadares, os índios iam para lá para tratarem de várias questões e geralmente usavam a Fazenda Ministério para se hospedarem. Ronaldo lembra ainda que seus pai foi um dos líderes do lugar. Com o passar do tempo, a história de Sebastião e Divino acabou tomando um rumo diferente. Um dia, quando foram à cidade para comprar o que faltava na fazenda, chegaram a um bairro da cidade e se envolveram em uma confusão por causa das provocações de um cidadão. Na confusão, acabam cometendo um homicídio, conforme explica Ronaldo:

“(...) eles arrumaram uma briga num vilarejo, num bairro, e, nessa discussão com eles lá, vieram causar um homicídio, né? Aí a FUNAI, na época, tinha muito poderio e eles ficaram presos por 15 dias, aí mandaram eles pra cá, como aqui já era... o Guarani era, vamos dizer assim, um sistema prisional, né? Para indígenas nesse período...(...)”

Após o ocorrido, eles procuram a FUNAI e relataram a história toda. A partir daí, eles foram presos e em seguida a FUNAI os mandou para a colônia penal na Fazenda Guarani, como relata Ronaldo:

“Na realidade, como isso aqui era um sistema prisional, né? Tinha vários indígenas, mas não era um território indígena, era... como era um presídio, aí tinha essa formação, mais assim, trazer os pessoal que cometiam delitos em suas aldeias ou em suas localidade e viam pra cá. Depois, no final dos anos 80, do meio para o final, né? É que aí começou a ser considerado território Pataxó, porque na época aí teve os Guarani, os Krenak, né? Que era assim a população maior, né? Era os Guarani e os Krenak”.

Com tudo isso, Sebastião permaneceu na colônia penal até que ela ser desativada, como já mencionei acima. Então, depois que as terras passaram a ser da FUNAI, as famílias Pataxó que lá estavam resolveram residir ali mesmo e a luta pela conquista da terra começou. Com a certeza de que permaneceriam naquela região para sempre, vieram as lutas pela demarcação do território, o que aconteceu mais tarde.



### 3.2 Aldeia Pataxó Imbiruçu e as aldeias filhas que surgiram

Nesta seção, descreverei a aldeia Imbiruçu primeiramente nos seus aspectos geográficos, biológicos, históricos e demográficos. Nesta seção, tratarei também das outras aldeias Pataxó que foram se formando na Terra Indígena até a configuração atual, que são elas, aldeia Sede Guarani, aldeia Kanã Mihay Retirinho e aldeia Encontro das Águas.



Foto: Felipe Rodrigues

A aldeia Imbiruçu está localizada na Terra Indígena Guarani, a poucos quilômetros das aldeias Sede, Encontro das Águas e Kanã Mihay Retirinho, a oeste do município de Carmésia, a 200 quilômetros de distância da capital de Minas Gerais, Belo Horizonte.

A Terra Indígena está localizada no Vale do Rio Doce, às margens do córrego Imbiruçu. A aldeia é cercada pela Mata Atlântica em transição com o Cerrado e possui uma grande diversidade de plantas e de animais. Entre as espécies vegetais, é possível encontrar na Terra Indígena espécies arbóreas como vinhático, angico, braúna, ipê, candeia, cano-de-pito, fruta-de-lobo, macaúba, também conhecido como tucum, entre outras. Entre as espécies animais, há tatus, pacas, capivaras, porcos-do-mato, quatis, onças, raposas, lobo-guará e muitas espécies de aves.

Na aldeia Imbiruçu, é permitido a caçada, pois é dela que muitas famílias ainda dependem. Para caçar, fazemos diversos tipos de armadilhas como mundel, laço, arapuca, quebra, fojo e outras. Da mesma forma, é permitido o corte de árvores desde não cause nenhum tipo de desmatamento. O uso das madeiras se destina à confecção de artesanato e para as construções de casas.

A aldeia Imbiruçu recebeu esse nome muito antes de se tornar uma aldeia. O nome foi dado pelo cacique Mangãgá ainda quando a terra estava sendo demarcada. Quando do alto da serra ele avistou o espaço e disse que seria naquela localidade que ele levantaria sua aldeia, escolheu esse nome por se tratar de uma árvore forte e resistente, assim como ele foi nas lutas pela conquista territorial. Nessa época, todas as famílias residiam na aldeia Sede e, com o fim da demarcação, ele, juntamente com seus filhos e seu único genro (Bago), decidiram ir em busca desse novo espaço. Então, eles reuniram todos da aldeia e avisaram que eles estavam indo fundar a sua nova aldeia. Todos ficaram de acordo e com isso ele e seus dois filhos que já tinham família o acompanharam, além do seu genro Bago.

Na saída para a nova aldeia, recém batizada de Imbiruçu, a família de Divino também saiu com seu grupo familiar, para outra área do território, a aldeia Retirinho. A aldeia Retirinho ainda ficou sob o cacicado de Sebastião, e, nessa época, Bago era o vice dele. Mesmo tendo em vista esse novo espaço, as comunidades estiveram de acordo com a atuação de Mongãgá atuar em ambas as aldeias. Com relação a saída para o Imbiruçu, Ronaldo, o filho mais velho de Mongãgá, disse:

“No ano, nos anos 80, nós moramos aqui, primeiro lá no Guarani, depois mudamos pra aqui, né? Pro Imbiruçu, em 1984, só que não era aldeia ainda, aí, tinha poucas famílias que mora aqui, na realidade, só tinha eu, pai, aí em 87 chegou Bago mais dona Liene foi pra três famílias. Mais ela formou mesmo aqui foi no anos 90, foi em 1992 que ela começou a se formar como aldeia mesmo. Tinha 5 famílias só que era eu, pai, Bago, Jhek, e dona Rones, foi em 1992 quando foi a demarcação.”

A luta desse novo espaço foi árdua. Na época da mudança para a aldeia Imbiruçu, não havia lá nenhuma estrutura, pois tudo começou do zero. Os pioneiros dessa aldeia contavam apenas com a ajuda de algumas colheitas, mas, até que suas roças ficassem prontas para o plantio, eles passaram por muitas dificuldades.

Ronaldo conta ainda que não foi nada fácil a adaptação, pois, no início, passaram por muitas dificuldades e delas era a própria moradia:

“Aí, quando a gente veio em definitivo, foi em 1982 a 83, não lembro bem a data, mais ou menos nesse período, quando a gente chegou aqui já não tinha muita construção, por aqui já morou muita gente, né, aqui onde é a escola tinha uma casa, duas casas, uma embaixo e outra mais em cima, e lá, onde a gente ficava na jabuticabeira, lá só tinha uma casa, mais ela só tinha a parede do meio, aí a gente aproveitou pra fazer só a cobertura né, aí a gente fazia de palha de banana, aí quando chegava período de chuva, de dia ficava assim e de noite chovia né, de dia, às palha embolava tudo, aí, gente ia tirar folha de banana de novo para refazer o telhado, mais só tinha a parede, não tinha a casa. Depois nós mudamos pra cá pra baixo, aí pai fez uma casinha ali onde é aquela mesmo, a não onde é a salinha de reunião...”

Bago ainda reforça dizendo:

“Antigamente não tinha casa, a casa era de palha de banana, fazia o barraco e botava palha, quando o sol... quando tava chovendo, tava bom, quando o sol esquentava aquela palha embolava, de noite a chuva topava e a gente ficava igual aqueles Pinto molhado. No outro dia, a gente ia pegar palha de banana para cobrir tudo de novo, mas nós sofremos demais quando chegou aqui.”

Bago (Soím) conta também que a alimentação era bem escassa e precária:

“Aqui antigamente era tudo banana que Magalhães deixou, banana prata, aí baixo também era, lá para cima também era, o que nós fazia...Liene tá aí, oh, livre e sã, pode falar...o irmão dela Ronaldo...ela mais dona Rosa; nós também...tinha vez que nós ia pegar... ia pegar aquelas banana verde para cozinhar.... Verde, as bichinhas nem de vez estava, para cozinhar para fazer paçoca para comer com piaba assada, ninguém tinha nada de arroz, feijão, esses negócio não; a mãe do Betinho ali que tinha dó de nós que vinha aqui trazer uma cesta, café e açúcar.”

Pergunto Ronaldo sobre a relação com o novo ambiente, pois de onde vieram era uma região litorânea, então ele diz:

“Assim, até que nós não sentimos muito porque a gente já, no final dos anos 70, no início dos ano 80, pai já tinha morado aqui, já tinha basicamente como que era o clima né? A alimentação era totalmente diferente, a gente veio passar a conhecer arroz, feijão, macarrão, né? Aqui, na nossa região tinha, mais nós não tinha condição de comprar. Lá tinha o mangue, que é a base da alimentação, tinha os mariscos e os peixes e a farinha de puba porque aqui nós não tinha. Aí foi isso, mais o clima também, a gente sentia muito por causa do clima né, o clima até hoje porque é muito frio, né? aí, no período do frio, o pessoal pena mucado.”

Essa situação só veio a melhorar depois, como contou Bagu, quando começaram a sair para as escolas para vender os artesanatos com a ajuda de um conhecido que morava em Belo Horizonte. Esse conhecido foi do tempo das andanças pela luta pela terra, tempos depois a escola chega dentro a terra indígena onde ameniza mais as dificuldades sofridas por eles, pois os conjuntos de profissionais compunha a escola eram os próprios indígenas, daí em diante as coisas começaram a melhorar.

Inicialmente, quando a escola chegou à Terra Indígena, ela se encontrava na aldeia Sede, como Escola Municipal. Um ano depois ela se iniciou como escola estadual, quando foi puxado um galho para a aldeia Retirinho, onde o cacique ainda era o Mongãgá<sup>6</sup>.

As relações entre as aldeias eram pacíficas, principalmente por serem irmãs. Houve um tempo em que o Bago mudou se para a aldeia Retinho, pois sua esposa trabalhava na escola e assim ela ficaria mais próxima; seus filhos nasceram, cresceram e se casaram na aldeia Retirinho.

Tempos depois, em decorrência de um desentendimento, as aldeias se dividem. A aldeia Retirinho que era lidera pelo Mongãgá, tornou se independente e o mesmo passou a liderar só a Imbiruçu.

Em janeiro de 2003, o cacique Mongãgá faleceu. A partir daí, algumas famílias que moravam no Retirinho passaram a residir na Aldeia Imbiruçu, incluindo o Bago, pois, na época, ele era o vice de Mongãgá. Com o falecimento do Cacique Mongãgá, a aldeia ficou cerca de um ano sem cacique, e seguindo só com o vice Sonho Bago.

Antes de morrer, o cacique Mongãgá sempre deixou claro que queria um dos seus filhos como o cacique da Aldeia. Por isso, em 2004, foi eleito um novo Cacique, Romildo (Txonang Pataxó) um dos seus filhos. Em comemoração, foi realizada uma festa para a consagração de seu cacicado.

De 2004 em diante, a Aldeia permaneceu com o cacicado de Txonang e seu vice Soim (Bagu). Foram de grande parceria as lideranças dos dois, muitas lutas e muitas conquistas foram realizadas, e uma dessas conquistas foi a nossa escola que se iniciou com a primeira série e, em seguida, com o fundamental 2, e um pouco mais adiante com o ensino médio. Esse foi um marco importante dessa liderança, mas, como eles mesmos diziam, a luta e as conquistas foram possíveis graças ao esforço de todos. Além da

---

<sup>6</sup> Ainda que ele morasse na aldeia Imbiruçu, a maioria das atividades se voltavam para a aldeia Retirinho.

comunidade estar ao lado dessas lideranças, a figura de Dona Rosa, a viúva de Mongãgá, sempre se fazia presente, pois ela era a matriarca. Embora ela não tivesse estudo, era conhecedora de muitas coisas, tinha saberes indígenas inigualáveis e era especialista em sua cultura. Nada acontecia sem que antes houvesse seu consentimento.

Assim foi até o seu falecimento em 2017, o que foi uma grande perda. D. Rosa era como uma mãe para todos da aldeia e no dia do seu falecimento ficou decretado feriado em memória à matriarca, por respeito a tudo que ela fez. Até hoje o falecimento dela tem reflexos na comunidade. Era ela a parteira, benzedeira, curandeira conhecedora da cultura, tanto medicinal quanto da culinária Pataxó.

No ano de 2019, a aldeia se dividiu e a família do Soim, composta por um grande número de pessoas, resolveu ter sua própria independência. Soim abandonou seu título de vice e se tornou o cacique da sua própria aldeia, a aldeia Kanã Mihay Retirinho, onde era a antiga Retirinho onde residia o seu Divino, onde nesse meio tempo seu grupo familiar já fora para uma outra área, ainda dentro da Terra Indígena Fazenda Guarani, que se encontra cerca de dois quilômetros da aldeia Imbiruçu.

Ainda no mesmo ano, no mês de julho, Akayrã krenaxó (Krenaxó é a junção de Krenak com Pataxó, fruto de um casamento desse dois povos) foi nomeado vice Cacique da aldeia Imbiruçu, uma liderança jovem de grande responsabilidade e de uma grande sabedoria. Em outubro, ele foi consagrado o novo vice da aldeia.

Atualmente, a aldeia segue com esse cacicado, cacique Txonãg e o seu vice Akayrã.

### **3.2.1 Densidade demográfica da aldeia Imbiruçu**

A aldeia é composta por 31 famílias e um total de 140 pessoas. Todos na aldeia vivem livres e têm a liberdade de fazer o que quiserem. Pode-se dizer que a aldeia tem uma boa infraestrutura, pois há água encanada, que diretamente de umas das nascentes que corta a aldeia, rede de esgoto, onde esses dejetos são descartados em forçãs e também tem a coleta de lixo que realizada semanalmente, pelo caminhão da prefeitura, uma escola, um centro cultural, um campo de futebol e temos uma cachoeira que consideramos o cartão postal da aldeia. Há ainda um posto de saúde que atende toda a comunidade, e as demais aldeias, em uma quadra poliesportiva em que a mesma atende todas as aldeias da terra indígena.

O verde vasto de suas montanhas a torna linda e aconchegante. A terra da aldeia é rica em nascente de água, sendo que uma delas abastece as casas da Comunidade.

A rotina da aldeia Imbiruçu é voltada para escola e, como consequência, em cada família há um funcionário da escola. O dia começa logo cedo. Os mais velhos da aldeia já estão de pé às 5h da manhã, fazem o seu fogo a lenha e preparam o café. Logo depois, a rotina se divide. Quem trabalha na escola já parte para o seu trabalho juntamente com as crianças, mas quem não trabalha fica a serviço, outros ficam por conta dos serviços domésticos, dos quintais e das roça. Às 11h é hora do almoço e a partir daí os trabalhos se invertem. Quem ficou em casa cedo vai para escola à tarde e vice-versa e assim segue, de segunda a sexta. Aos sábados e domingos, o horário de acordar continua o mesmo.

Embora a rotina da semana não se aplique aos fins de semana, ocorre com frequência almoços na casa de algum parente e os trabalhos coletivos, conhecidos como mutirões, que envolvem toda a comunidade, cada qual com suas funções. Os trabalhos por mutirão são os mais variados, desde capinar uma roça, à construção de uma casa e embarreiro, (o embarreio quando se faz uma casa de pau a pique, onde é preciso preparar o barro para a construção, o embarreio conta com a presença de todos da comunidade, o processo do embarreio é cortar o barro ( a terra) com enxadão , picaretas e enxadas, depois ele é molhado e pisado com os próprios pés. Depois, ele é carregado e jogado nas paredes que são feitas de madeiras e bambu, como ilustra na imagem desse trabalho). Quando se realiza um mutirão, é o dono dele que tem o dever de oferecer o almoço às pessoas que participam dele.

À tarde tem o futebol, uma das atividades de grande prestígio entre homens, mulheres e crianças da aldeia.

Em determinadas estações do ano, a rotina tende a mudar. No inverno, por exemplo, por ser muito frio na aldeia e por isso os membros da comunidade costumam se recolher mais cedo em suas casas. Em cada quintal há uma fogueira acesa à noite, junto à qual as pessoas se aquecem, contam histórias, assam batatas, bananas e mandioca.

No verão, como faz calor, há muito movimento na aldeia. A população se desloca para o Rio próximo à cidade de Carmésia com o objetivo de pescar e de se refrescar. Chegam a ficar semanas por lá, vivendo em barracas de lona e se alimentando dos peixes que conseguem pescar. A pesca é realizada por meio de anzóis, redes, tarrafas, e por um outro modo que chamamos de “fachiar”. Esse método de pesca só é realizado à noite, principalmente em noites escuras, pois, para matar os peixes, é necessário que eles estejam dormindo às margens do rio. Utilizamos então o facão para matar. Nessa

modalidade de pesca, o uso de lanternas e tochas são fundamentais para clarear os peixes e encontrá-los com facilidades na água.

O dia a dia das crianças da aldeia é brincar e estudar. As brincadeiras são as mais diversas possíveis, brincam de pega-pega, esconde-esconde, subir em árvores, escalar os morros e tomar banho no córrego. Tem também a brincadeira do *cozinhadinho*, que é como se fosse uma preparação para a vida adulta, em que meninos e meninas aprendem a fazer suas próprias comidas. Assim, elas crescem com sua liberdade e já crescem com responsabilidades.

O Awê também é realizado com frequência na comunidade e, independente de datas comemorativas, ele se faz presente. A partir dele, buscamos o fortalecimento da cultura, da espiritualidade e de forças, através dos nossos encantados de luz.

O ritual da lua cheia também é um Awê específico e dedicado a ãgôho (lua). É um ritual de agradecimento pela bondade e pelo ensinamento que ela traz ao povo Pataxó. É por meio da lua que o Pataxó sabe a hora certa de plantar e de colher, a hora de caçar e de pescar e de tirar madeira, de fazer casa e de fazer remédios. Por isso, o ritual da lua cheia é de grande importância para a aldeia Imbiruçu.

É assim a rotina da Aldeia Imbiruçu, onde mulheres, homens, jovens e crianças vivem em plena alegria, desfrutando dessa terra maravilhosa e preservando a nossa cultura para que as futuras gerações possam dar continuidade ao modo de viver do Pataxó.

### 3.2.2 A escola na aldeia

Como já havia citado em um trecho acima, a escola está bem presente na vida e no dia a dia da comunidade, ela é de grande importância dentro da Terra Indígena Fazenda Guarani e é através dela que buscamos fortalecer a cultura por meio da educação diferenciada. Nessa seção, trago como se deu a chegada da escola à aldeia Imbiruçu.

A Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá foi criada em 28 de julho de 1997, como escola municipal. Somente em 11 de março de 1999 ela se tornou escola estadual. O nome Bacumuxá se deu devido a uma árvore de grande porte que tinha uma enorme copa a qual tinha a capacidade de abrigar alunos e professores antes das construções dos prédios escolares.

Falar da escola dentro da comunidade é também falar de território, pois não existe território indígena sem escola. Na aldeia Imbiruçu, por exemplo, a escola é considerada o coração da comunidade, pois todos os acontecimentos giram em torno dela, desde reuniões e rituais até a questão financeira. É praticamente dali que sai o meio de sustento da maior parte da comunidade.

A Escola Indígena Pataxó Bacumuxá se encontra hoje com três módulos, um na aldeia Sede Guarani, outro na aldeia Kanã Mihay e outro na aldeia Imbiruçu. Cada módulo que compõe a escola estadual pataxó Bacumuxá tem sua política de trabalho e sua forma de ser administrada. Cada módulo possui um coordenador e há também a figura do diretor, que é responsável por todos anexos.

A escola só chegou à aldeia Imbiruçu no ano de 2005. Antes quando ainda não havia a escola na aldeia Imbiruçu, ela funcionava na aldeia Retirinho como módulo II. Nessa época, todos da comunidade a frequentavam. Sua vinda para aldeia Imbiruçu se deu só depois das divisões da aldeia, que já mencionei ao longo deste trabalho.

Com a chegada da escola, ela passou a funcionar como módulo III. Quando se iniciou a escola da aldeia, todas as atividades referentes à escola eram realizadas debaixo das copas das árvores e na casa de dona Rosa. Nessa época, para a comunidade, era o início de um novo recomeço. Logo depois, foram construídas algumas cabanas onde foram feitas divisões para atender a todas as turmas. Ela funcionava na parte da manhã com o ensino pré-escolar e ensino fundamental dos anos iniciais e, na parte da tarde, com



o ensino fundamental dos anos finais. Essa luta se deu até o ano de 2011, quando veio a construção do prédio escolar.

A construção desse prédio é fruto de um sonho e de muitas lutas das lideranças e dos professores mais velhos. Em 2011, as aulas já se iniciaram no novo prédio escolar.



Foto: arquivo pessoal / aula em grupão sobre os conhecimentos tradicionais.

Até 2015 a escola trabalhou com a educação infantil, fundamental anos iniciais, fundamental anos finais. Só no ano de 2016 foi possível a chegada do ensino médio à escola Pataxó Bacumuxá, depois de muitas lutas das lideranças.

Antes disso, os alunos que ali se formavam no nono ano eram destinados para Carmésia. Lá, a realidade era outra e totalmente diferente da escola da aldeia. Porque, na escola da cidade, não tínhamos mais a liberdade que tínhamos dentro da nossa terra. A forma de ensino era bem distante do ensino tradicional do Pataxó, alunos presos entre quatro paredes, diferente da comunidade. Mesmo com a construção do prédio escolar, não perdíamos o hábito de estar sentados debaixo de uma árvore ou de uma cabana para estudar. Então, adaptar a isso foi difícil. O modo como os alunos tratavam os professores era diferente também. Tudo era novo e de certa forma isso trazia um certo desconforto. Quanto às disciplinas que eram ensinadas na escola, não era muito fácil também, pois a escola indígena ensina o diferenciado, e por isso não diferenciado era de grande estranheza para nós, por não ter uma disciplina específica para discutir o contexto indígena. Então, ficava um vazio de certa forma.

O prédio da escolar da aldeia Imbiruçu ainda é provisório. A sua estrutura é composta por três salas, uma cozinha, dois banheiros e uma secretaria. A escola não suportava o grande número de turmas e assim a comunidade se viu na obrigação de construir duas outras salas provisórias. Estas são cobertas por telhas de amianto e são

cercadas por bambus. Cada uma delas possui duas divisões internas feitas com bambu para atender as turmas. Temos algumas dificuldades para ensinar nessas salas provisórias, pois, em tempos de chuva, ela acaba molhando muito e, em tempo de calor, o sol incomoda os alunos, mas não há muito o que ser feito.

Na grade escolar, estão presentes algumas disciplinas diferenciadas como a cultura, o uso do território e a língua Patxohã (língua de guerreiro).

### 3.2.2.1 A língua Patxohã e seu uso na escola

A disciplina de língua Patxohã ensinada na escola é de grande importância para a comunidade, pois ela é uma forma de reafirmar e fortalecer a cultura. Pelo fato de a língua estar passando por processo de revitalização, ainda encontramos certas dificuldades para lidar com ela, tanto no âmbito escolar, quanto no dia a dia. Temos essas dificuldades porque a língua Patxohã está sempre sofrendo alguma alteração, então os professores precisam estar atentos e bem informados sobre qualquer mudanças que ocorra. Embora a língua usada na Terra Indígena Fazenda Guarani seja a mesma usada no Sul da Bahia, temos uma variedade própria que apresenta algumas diferenças em relação à variedade baiana do Patxohã, como mostra o quadro a seguir:

<b>PATAXÓ ALDEIA TIFG</b>	<b>OUTROS PATAXÓ</b>
Txonãg: água	Miãga: água
Ãxoeki: café	tahão: café
Pakaxéo: galinha	xukakay: galinha
Kabahay: cavalo	camãdú: cavalo
Atô: mãe	imakã: mãe
Kokawã : casa	kijeme: casa

Embora essas diferenças caracterizem a variedade mineira do Patxohã em relação à variedade baiana, elas não prejudicam a comunicação dos dois grupos, havendo apenas alguns estranhamentos quando falantes de Minas e da Bahia conversam entre si.

Um dos exemplos é o uso da expressão *bom dia*. Para os outros Pataxó, o termo *bom dia* tem dois correspondentes, um para quem fala e a outra para quem responde:

- Hayoxó!
- Ayokunã

Na aldeia Imbiruçu, apenas *hayoxó* (bom dia) é usado, tanto para quem fala quanto para quem responde. Essa diferença caracteriza nossa identidade.

Na escola, os alunos aprendem o nosso jeito, mas ficam sabendo também sobre a maneira como os outros Pataxó se expressam. No ensino da língua, a cartilha de Patxohã apresenta as duas variedades.

O Patxohã é bem presente no nosso dia a dia. A língua é repassada para os nossos filhos da forma que já estamos habituados a usá-la dentro da comunidade. E é a partir dessa transmissão aos nossos filhos que começamos a pôr em prática a reintrodução da língua na comunidade.

### **3.3 O espaço cultural Awê Kepay Mõgãgá**

Awê Kêpay Mõgãgã<sup>7</sup> é o centro cultural da aldeia Imbiruçu. O nome dado ao centro cultural é uma homenagem em memória ao Cacique Mõgãgã<sup>8</sup> que faleceu em janeiro de 2003, o fundador da Aldeia Imbiruçu e guerreiro Pataxó que lutou pelo Território Indígena Fazenda Guarani. A construção do centro cultural é a realização de um sonho do ex-cacique Mõgãgá e foi fundado em 2004. O centro cultural é um lugar muito sagrado para a comunidade Imbiruçu e nele ocorrem todas as manifestações culturais e religiosas, como a Festa das Águas, casamentos, batizados e o Ritual da Lua Cheia. O espaço é composto por um lago onde são realizados os batizados Pataxó e por quatro terreiros.

---

<sup>7</sup> Awê Kêpay Mõgãgá significa em Patxohã dança com nosso pai Mõgãgá.

<sup>8</sup> Mõgãgá é uma espécie de abelha em Patxohã, conhecida como abelhão e pertencente ao gênero *Bombus*.

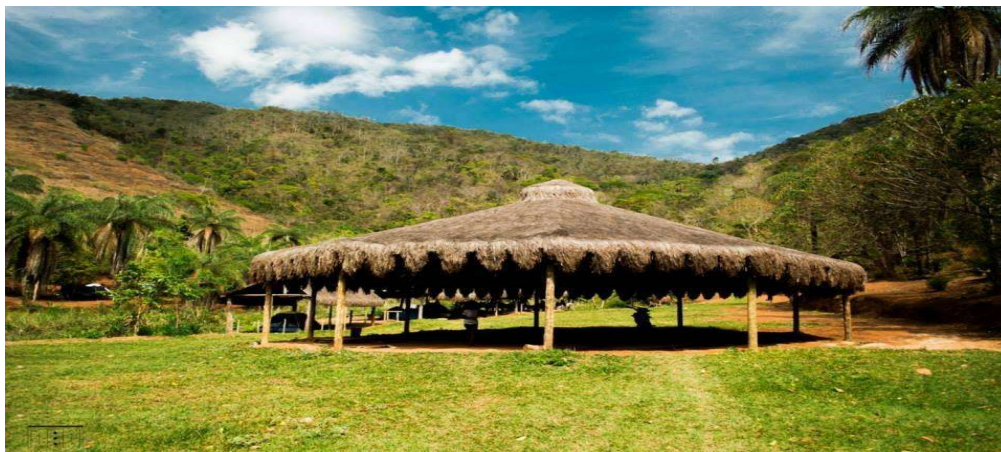


Foto: Edigar Kanaikô. Centro cultural Awé Kêpay Mõgãgá á véspera da Festa das Águas.

No lago, purificamos o corpo na Festa das Águas. O lago foi feito a partir de um curso de água, passa dentro do centro cultural. Dentro do centro há quatro terreiros, o terreiro das jokanas (mulheres), onde elas ficam momentos antes de começar a abertura da festa; o terreiro do kakuçu (homem) onde ficam os homens. Nesses terreiros, são realizados os momentos de concentração. Os dois terreiros são localizados dentro da mata, que fica à margem do lago, e somente os indígenas podem presenciar esse momento. O terreiro do pai da mata, (o pai da mata é um ser encantado que tem a função de proteger as matas e as nascentes) tem uma grande importância simbólica na cultura Pataxó, pois é lá que todos podem se encontrar com ele, tanto a comunidade como os visitantes. Também é o terreiro onde se encontra com a Hamãy (um outro encantado que protege os animais e que tem uma grande importância na cultura pataxó).

Ainda nesse terreiro é realizado o banho de lama com que purificamos o corpo e onde são realizados os jogos tradicionais, como a luta do Derruba o Toco, o cabo de guerra, o arco e flecha, entre outros. Por fim, o último terreiro é onde a comunidade e os visitantes acampam, sejam eles indígenas de outras aldeias ou de outros lugares, no período de Festa das Águas.

Além da cabana principal (a da imagem abaixo), o centro cultural é constituído por mais duas cabanas, uma onde funciona a cozinha e outra menor onde são expostos os artesanatos durante período de festa.





O centro cultural Awê Kepây Mõgãgá durante um momento de fala do cacique Txonãg na abertura da festa. Foto: Durval Natario Tosta IV

Esses momentos culturais realizados no Awê Kepay Mõgãgá nós buscamos manter sempre vivos, porque são os costumes, a cultura e as tradições do nosso povo. São essas manifestações que fortalecem a identidade cultural da aldeia Imbiruçu. Uma das festas mais importantes realizadas na aldeia Imbiruçu é a Festa das Águas. Na próxima seção, tratarei sobre ela.

### **3.3.1 A Festa das Águas, uma tradição da aldeia Imbiruçu**

A Festa das Águas é um ritual exclusivo dos Pataxó de Minas Gerais, praticado em algumas aldeias do estado. A festa tem como simbologia a fartura. Todos os anos, nos dias 4 e 5 de outubro, é realizada essa grande festa na comunidade Imbiruçu.

Essa festa vem desde o início da formação da aldeia, que se deu em 1991. A primeira festa foi realizada no córrego principal da aldeia. Os mais velhos contam que tudo começou com uma brincadeira dos membros da comunidade. Nela, eles iam à casa um do outro com uma vasilha de água, molhando as casas e os seus integrantes. Com o tempo, essa brincadeira se tomou uma grande proporção e virou a Festa das Águas.

A preparação da Festa das Águas é realizada praticamente o ano todo. Começamos com a limpeza do espaço e, nesses momentos de preparação, contamos com a presença

de toda comunidade, desde as crianças ao mais velhos. Todos estão envolvidos nas roçadas, nas capinas, nas renovações das cabanas, na limpeza da lagoa e cachoeira, na busca da lenha para a fogueira, nas produções de cantos Pataxó, na preparação das bebidas típicas como o kawim (bebida feita da mandioca) e a hãmãgui (bebida feita com a casca do angico), na preparação espiritual do corpo e na busca do jenipapo para fazer as pinturas corporais<sup>9</sup>.

A festa se iniciou em outubro de 1991 na Aldeia Imbiruçu. No começo, eram apenas indígenas que participavam. Hoje, os Pataxó convidam também não indígenas para participar desse ritual. A ideia de que houvesse a presença de não indígenas era para que pudéssemos mostrar a nossa cultura e para tentar acabar com aquelas visões estereotipadas do indígena, além de incentivar a preservação da natureza.



Foto: Amanda sereno (Momentos de abertura da festa onde homens e mulheres saem dos seus terreiros para a cabana principal).

O período de outubro é quando se iniciam as chuvas, e, com a chegada da chuva, a terra fica mais fértil para o plantio, as nascentes tornam a renascer e os rios e córregos transbordam e favorecem a reprodução dos peixes, os frutos crescem e ficam mais saborosos.

---

<sup>9</sup> Não encontramos mais o fruto dentro do território. Ele só é encontrado fora em áreas não indígenas.



A abertura da festa se inicia ao som do instrumento conhecido como pau de chuva. Esse instrumento imita o barulho da chuva, que é uma forma de homenageá-la, pela sua chegada.

Nós, Pataxó, cantamos, dançamos, fazemos muitas brincadeiras tradicionais como *derruba o toco*, *arco e fecha*, *cabo de guerra*, *corrida de maracá* e outras. Preparamos várias comidas típicas como moqueca de peixe<sup>10</sup>, peixe assado, costelão<sup>11</sup> assado, *kawim* e *hãmãgui*.



Foto: Edigar Kanaikô. (Momento do banho de lama entre os indígenas e os não indígenas, momento de purificar o corpo e o fortalecer).

---

<sup>10</sup> A moqueca do peixe é assada na folha da patioba ou na folha de bananeira, onde o peixe é envolvido, na folha e é colocado sobre o muquém (O muquém é uma estrutura de madeira feita sobre fogueira e que serve para assar as comidas típicas). A moqueca também pode ser assada de baixo da terra, onde se faz um buraco no e enterra a moqueca, e por cima desse buraco acende a fogueira.

<sup>11</sup> O costelão é a costela inteira do boi, onde é assada sobre o muquém.

Nesse mesmo dia, fazemos a busca do Pai da Mata, um ser da natureza que protege as nossas matas e nossas nascente e a *Hãmãy*, a protetora dos animais, seres da natureza que para nós têm uma simbologia e é de grande importância para a nossa cultura.



Foto: Edigar Kanaikô. (Momento final da festa, banho final de purificação do corpo e do espírito, e de renovação, que é feito logo após do banho de lama).

No fim do dia, tomamos banho de lama no *Mirápé* (lago sagrado) para purificar o nosso corpo e pedir para *Niamissu* (Deus) e os nossos seres que renovem o nosso corpo e a nossa vida.

Durante a festa, também é celebrado o casamento e o batizado Pataxó. As nossas pinturas para esse momento tão sagrado estão relacionadas com elementos da natureza, como o cipó da *Hãmay*, a pintura da “semente mauí na boquinha do peixe”- desenho que simboliza fartura, a *samuncanga* do caranguejo ( parte da barriga do caranguejo) de besouros, borboletas e de outros animais.

Há uma diferença também nos significados das pinturas nos homens e nas mulheres. Os desenhos dos homens representam Força e União, e o das mulheres Força, Proteção e Fartura. Nas próximas seções, descreverei o casamento e o batizado Pataxó.



### 3.3.2 Casamento Pataxó

Contam os mais velhos que, antigamente, o namoro Pataxó era muito discreto. Quando uma moça e um rapaz Pataxó começavam a se gostar, o menino jogava uma pedrinha em direção da menina e, se ela retribuísse com uma flor, é porque eles já estavam namorando. Poderia ser até mesmo por uma simples troca de olhares. Mas, os Pataxó não demoram muito tempo para se casar.

Ainda contam, de que quando eles sentiam a necessidade de se casar, o rapaz avisava os pais da moça, os seus pais e o cacique e em pouco tempo começam os preparativos para o casamento, que também não demora muito para ser realizado. Todas as cerimonia de casamentos eram realizadas pelo cacique e os pajés. Nesse dia, o noivo tinha que carregar uma pedra, de peso equivalente ao peso da noiva por uma distância que os pais da pais da noiva escolhem junto ao o cacique.

O noivo carregava a pedra de sua residência até o centro cultural de sua aldeia. Chegando lá, a noiva ajuda o noivo a descer a pedra até o chão e, a partir daí, já começam a carregar a responsabilidade de um ajudar outro na relação.

Então, eram feitas as trocas de cocares entre eles. Essas trocas de cocares é o que simboliza a união entre os noivos como se fosse a aliança do casamento do não indígena.

O carregamento da pedra simboliza a força e a resistência para manter a família. É como se eles fossem caçar e houvesse na caçada um contratempo com sua esposa e ele então a carregaria até a sua casa. Caso ele não consiga carregar a pedra, o casamento não acontece, porque seu insucesso indica que ele não está preparado para assumir uma família.



Foto: arquivo de um membro da comunidade / momento da troca de cocares que simboliza a aliança para o povo Pataxó.



FOTO: Amanda Sereno. / momento do meu casamento vindo com a pedra do terreiro dos *kakuçú*, minha esposa vindo do terreiro das *jokana* para o centro da cabana.



Fotos: Edigar Kanaikô / Momento do casamento de dois ex membros da comunidade , como mostra na imagem a realização do casamento aconteceu após a construção de sua família.

Com o passar do tempo, tudo foi mudando e a forma de se casar foi modificando. o encantamento da forma de se conquistar através de pedrinhas se perdeu e hoje em dia os jovem conquistam a menina através da conversa mesmo, e, quando querem se casar, falam com os pais da moça. Caso eles sejam contra, eles fogem e formam suas famílias e só depois têm toda a cerimônia tradicional.

Hoje em dia, os casais se casam depois de terem filhos e muitos ainda optam por não se casar dentro da tradição só se juntam. O namoro então acaba se tornando mais

longo, sem que haja necessidade de se casar de imediato, pode também acontecer o casamento de um indígena com o não indígena dentro da tradição Pataxó.

Mas o ritual de carregar a pedra é ainda muito presente até hoje dentro da minha comunidade. A figura do cacique ainda é muito importante. É ele que realiza o casamento. Houve uma mudança em relação à distância em que o noivo carrega a pedra. Essa distância foi estabelecida em torno de 500 metros, entre o terreiro dos kakuçú até o centro da cabana onde é feita realização da cerimônia, no centro cultural do Awê Kêpây Môgãgã. Neste caso, o noivo carrega a pedra até o centro da cabana, tendo a ajuda da noiva para descer a pedra até o chão. Esse momento de ajuda com a pedra é para mostrar que, a partir dali, ambos estão dispostos a enfrentar suas batalhas juntos.

Os casamentos na aldeia Imbiruçu sempre acontecem no mesmo período, pois eles são sempre realizados na Festa das Águas, no mês de outubro, e é um momento de grande visibilidade para a aldeia, quando pessoas de todos lugares vem prestigiar essa festa.

### 3.3.3 Batizado Pataxó

O batizado Pataxó da aldeia Imbiruçu é um ritual em que se comemora a chegada de uma criança na comunidade. Esse ritual é praticado desde a construção da aldeia.

Quando uma criança nasce na aldeia, todos da comunidades vão até as casas dos pais festejar a chegada desse do novo membro. Os pais oferecem, como forma de agradecimento ao prestígio dado ao seu filho, a *temperada* (uma cachaça que é preparada com plantas medicinais meses antes de a criança nascer) e o *escaldado* (um pirão que é feito de farinha de mandioca e de galinha caipira). Essa comemoração dura cerca de uma semana e esse é o primeiro momento de ritual do novo membro onde ele é apresentado a toda comunidade.

O ritual de batizado pode ser realizado poucos dias após o nascimento da criança. Os pais vão até o cacique e marcavam o dia ideal para que seu filho possa ser batizado dentro da tradição. Os pais têm ainda a função de avisar a comunidade sobre essa comemoração.

O batizado é realizado no *Mirapé* (lago sagrado), onde a criança é purificada com a água e o *timbero* (cachimbo). Os pais escolhem uma das músicas da nossa cultura para representar o seu filho e um padrinho. Além de ser uma apresentação da criança para a comunidade, ela é apresentada a *Niamissü* (Deus) e aos nossos encantados de luz, pedindo



proteção e fortalecimento a essa criança, para que cresça forte e saudável e seguindo a tradição.



Foto: Durval Natario Tosta IV / momento do batizado, onde a criança é apresentada a Niamissũ e aos nossos encantados de luz.

Hoje os pais podem optar por comemorar assim que a criança nasce ou batizar na Festa das Águas, cuja data de comemoração é o dia 5 de outubro, pois pode acontecer de a criança nascer logo após a Festa das Águas.

No dia do batizado, cada família faz o seu “cozinhado” e, na hora do almoço, todos se juntam e fazem uma linda confraternização na qual cada um pode experimentar do cozido do outro. Os pais ficam responsáveis por fazer o escaldado. Não existe batizado sem escaldado. Assim, a criança tem sua primeira das muitas participações em rituais que ainda terá em nossa cultura.

O batizado é uma festa típica dos Pataxó de Minas Gerais. É uma tradição que vem passando de pai para filho a cada novo ano. Com isso, a cultura se fortalece a cada dia que se passa.



Foto: Edigar Kanaikô / Momento na beira do mirapé para a consagração do batizado pataxó, cacique com o txibero para a purificação.

Hoje podemos dizer que a aldeia Imbiruçu possui sua própria identidade cultural, através do seu modo de organização, a forma com que lidamos com cada membro da comunidade, a nossa diversidade de manifestações culturais e festivas e a forma com que lidamos com o meio ambiente.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento inicial desta pesquisa, tinha a intenção de falar somente do Território Indígena Fazenda Guarani, englobando todos os aspectos históricos, como o que foi a terra no passado até os dias atuais, mas, no decorrer do curso, a ideia de falar sobre a construção da minha aldeia foi amadurecendo. Essa seria uma maneira de deixar registrada a história da sua formação e, além disso, uma forma de prestar homenagem à memória aos seus fundadores, o cacique Mongãgá e sua esposa Hemũgãy (meus tios), que hoje não estão mais entre nós em matéria, mas espiritualmente.

A elaboração desta pesquisa acadêmica, me trouxe um grande aprendizado e muito conhecimento e, acima de tudo, um grande respeito às lutas indígenas, principalmente aquela relacionada ao meu povo, quando se trata da luta pela terra e da luta pela vida.

É muito satisfatório, saber que, com esta pesquisa, pude escrever a história da formação da minha aldeia, e da luta que se deu pela terra até ela se afirmar como uma Terra Indígena. É satisfatório também trazer um registro das nossas festas culturais e religiosas. Pude compreender a história da Fazenda Guarani e trazer de modo simplificado as duras fases dessa fazenda ao longo da história.

Acredito que este trabalho possa contribuir para a valorização da memória daqueles que lutaram não só pela a formação da aldeia Imbiruçu, mas de todo o território. A escrita deste trabalho foi também um meio que encontrei de relatar todas as lutas e sofrimentos por os primeiros familiares passaram, para hoje termos a comodidade que temos. O trabalho servirá para informar as pessoas que nascerem e vierem depois, para que possam conhecer a história da trajetória Pataxó por meio desta pesquisa.

Além de trazer o registro histórico dessa construção da aldeia embiruçu, trago ainda todas as práticas culturais e festividades realizadas na aldeia que vêm desde o nascimento de uma criança até a partida de um ancião.

Com esta pesquisa espero que também os estudantes da escola indígena possam entender a árdua história da Fazenda Guarani e dos seus tantos habitantes.

Abordar a história da formação da aldeia Imbiruçu é muito importante, principalmente para mim, umas das pessoas que veio para o TIFG depois da sua formação, e hoje, por meio desta pesquisa, pude entender e valorizar a luta que se deu para a realização do espaço. Com esse trabalho aprendi muito, pois eu era uma das pessoa que não sabia da parte histórica do território.

A curiosidade de conhecer a história do espaço foi a principal ferramenta para conduzir esta pesquisa. Saio dela com muito aprendizado sobre a história da Terra Indígena e consciente sobre a valorização da nossa luta, da nossa cultura e a importância dos nossos conhecimentos tradicionais.



## 5. REFERÊNCIAS

BOMFIM, Anari Braz. Patxohã: a retomada da língua do povo Pataxó. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, n.1 jan de 2017, p. 303-327. ISSN 2238-975X 1. [<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl>]

CAMPOS, André. Treinados pela PM, índios-soldados reprimiam seus pares. Apublica. 25 de junho de 2013. Disponível em < <https://apublica.org/2013/06/treinados-pela-pm-indios-soldados-reprimiam-seus-pares/>> (Acesso em 12 de outubro de 2019)

CAMPOS, Carlo Sandro de Oliveira. Contribuições da língua Maxakali para a descrição léxico-gramatical da língua Pataxó. I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos. Vitória, 2011 (Disponível em <https://periodicos.ufes.br/index.php/conel/article/view/1981>)> Acesso em 26/07/2020

\_\_\_\_\_. As línguas da família Maxakali: o que os dados que restaram podem falar sobre elas? (não publicado)

DOSSIE DA FUNAI FAZENDA FAZENDA GUARANI, <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/954>

DOTTA, Rafaela. Ditadura militar: a terrível violência contra os índios em MG. Brasil de fato. Belo Horizonte. 16 de janeiro de 2018. Disponível em < <https://www.brasildefatong.com.br/2018/01/16/ditadura-militar-a-terrivel-violencia-contra-os-indios-em-mg>> (Acesso em 12 de outubro de 2019)

FILHO, Antônio Jonas Dias , Sobre os viventes do Rio Doce e Fazenda Guarani: Dois presídios federais para índios durante a Ditadura Militar.2015.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? In: O desafio das sobreposições terras indígenas & unidades de conservação da natureza. São Paulo: ISA, 2004

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Os Índios do Descobrimento: Tradição e Turismo. Rio de Janeiro, 1999. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro

GUEDES, Iraia dos Santos. Pataxó quer o seu território de volta: o Parque Nacional do Monte Pascoal como unidade de conservação e terra indígena.2017.

SANTOS, Erilsa Braz dos. A história da demarcação da terra indígena de barra velha .2018.

SEMINÁRIO PIBD FACULDADE DE EDUCAÇÃO- UFMG, Kijetxawê uputxaihi tihihã Pataxó Bacumuxá. Dados informados através de um vídeo fornecido pelo arqueólogo Pedro Fermin Maguire.

SOUSA, Fabiano José Alves de. Os Pataxó em morros brutos e terras fanosas: Descortinando o movimento das puxadas de rama.2015.

TEAO, Kalna Mareto. A transferência dos Guarani Mbya para Carmésia. Os Brasis e sua memória. 2018. Disponível em < <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/309/>> (Acesso em 12 de outubro de 2019)

## 6. ANEXOS

### 1. APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Romildo Alves da Conceição, filho de Mongãgá (Sebatião) e Hemũgãÿ (Maria Rosa), também conhecido como cacique Txonãg, nasceu na aldeia Imbiruçu MG, lidera a aldeia desde o falecimento do seu pai em 2003. Professor da língua Patxohã e coordenador da escola aldeia Imbiruçu. Hoje o cacique segue uma linha muito rígida em relação à religião indígena, na qual busca os encantados de luz no fortalecimento da cultura.



Foto : Edigar Kanaikô

Ronaldo Alves da Conceição é o filho mais velho de Mongãgá e Hemungãÿ. Ronaldo hoje é umas das pessoas mais velhas da aldeia, sua trajetória de vida vem acarretada por uma história de luta e de superação. Também atua como professor na escola da aldeia. Acompanha seu pai desde a luta da conquista pelo território.

Luiz José Ribeiro (Soim Pataxó) nasceu no estado da Bahia, liderou como vice de Mongôgá até sua morte, depois foi vice do cacique Txonãng até o início de 2019. Hoje, ele lidera sua própria aldeia. Soim é um grande líder. Sua história de luta vem desde muito tempo principalmente na luta pela a conquista do território Fazenda. Guarani.



Foto : Edigar Kanaikô

Lucidalva Alves ferreira, professora há mais de 20 anos, um exemplo de educadora e de mulher, conhecedora de suas cultura e de suas tradições.



Foto: imagem da internet

## REGISTRO DE ALGUNS MOMENTOS DA ALDEIA IMBIRUÇU



FOTO: Edigar Kanaikô ( Batizado pataxó, realizado na festa das águas)



Foto : Edigar Kanaikô (banho de lama , momento de purificar o corpo, um momento de interação dos indígenas com os não indígena/festas das águas)





Foto: Edigar Kanaikô (representatividade da luta do toco, luta corporal onde requer muita, na aldeia quando a um casamento o noivo é desafiado a lutar com três pessoas da comunidade, para testar a sua força e mostrar que esta preparado para assumir a família).



Foto: (arquivo de um membro da aldeia) imagem 1, embarreio de casa e imagem 2 construção de roça.  
Essas imagens registram uns dos trabalhos em mutirões que são realizado na aldeia



Foto: arquivo de um membro da aldeia / cozinhado pataxó, momento dedicado ao nascimento de uma criança.



Foto : imagem da internet / Pai da mata e a Hamãy ,essa imagem é de grande representatividade dentro da aldeia Imbiruçu, dois seres da natureza de grande simbologia para a cultura pataxó.

## **QUADRO DAS NASCENTES DA ALDEIA EMBIRUÇU**

**Córrego principal: córrego do Imbiruçu**



<b>Nascente do Mongãgá</b>
<b>Nascente do Cura Velho</b>
<b>Nascente da Bananeira</b>
<b>Nascente da Pitangueira</b>
<b>Nascente do vinhático</b>
<b>Nascente da Imbaúba</b>

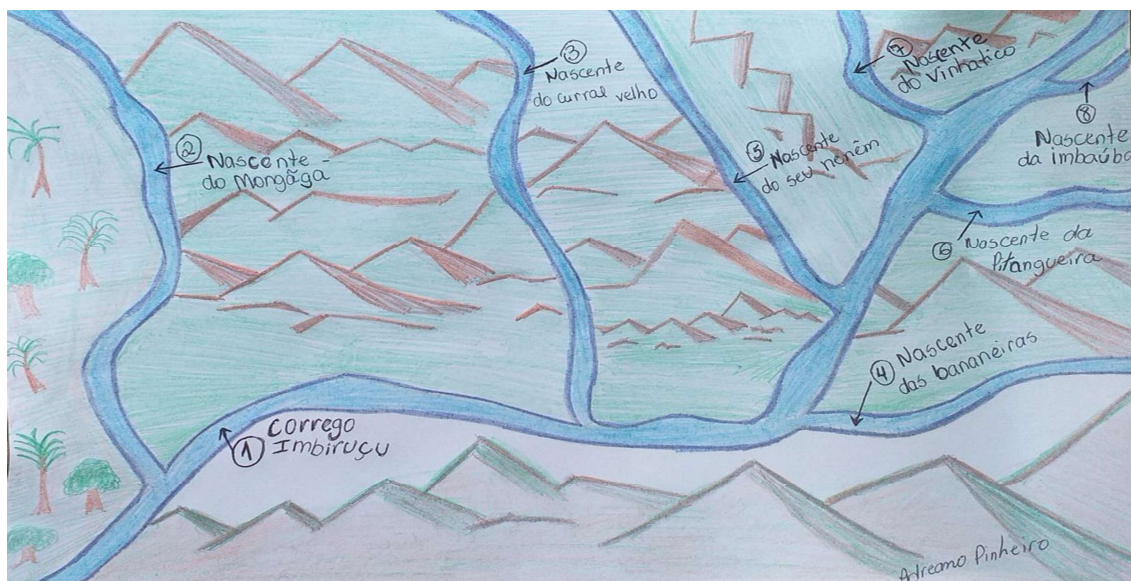


Foto: arquivo pessoal/ A nascente 2, é a responsável pelo abastecimento das casas da aldeia e da escola.

### QUADRO COM AS DATAS IMPORTANTES DA ALDEIA IMBIRUÇU

Janeiro	Todos os anos , no mês janeiro a comunidade da aldeia tem o hábito de estar saindo para a Bahia, onde vamos visitar os nossos parentes nas diversas aldeias de lá, e desfrutar dos mariscos que não tem por aqui, isso se deu desde o tempo de Mongãgá.
Fevereiro	Fevereiro é a data em que abraçamos com toda a garra a nossa escola e nos dedicando a nossa educação diferenciada.
Abril	Abril aqui na aldeia temos a semana santa ,que na sexta feira saímos das nossas casas para irmos dar bênção os mais velhos de joelho e comer canjicão. Também um mês de muitas reflexões ,pois no dia 11 é decretado feriado na aldeia em homenagem a matriarca dona Rosa, e também o abril indígena momento em que esta em pauta as discussões das causas indígenas.
Junho	Comemoramos a festa junina pataxó, que incluída no calendário escolar onde a intenção é esta explorando a diversidade de culturas.
Agosto	No final de agosto é a preparação das festas das águas .
Outubro	Em outubro comemora-se a festa das águas , momentos que chamamos de tempo da fartura.



	Também se festeja , o dia de nossa senhora de Aparecida , festa fundada a matriarca dona rosa , na qual seus filhos deram continuidade.
Dezembro	Dezembro também nos comemoramos o natal, com o jeito especial Pataxó.

### 3.TABELA COM OS NÚMEROS DE PESSOAS POR NÚCLEO FAMILIAR DOS DIAS ATUAIS, DIVIDIDA POR SEXO/(2020).

Famílias	Sexo
Romildo	M
Adriana	F
Indhayane	F
Tarawi	M
Indhinawí	F
Konuãki	M
*****	
Ronaldo	M
Lucidava	F
Itohã	M
Ze do mangue/ tio	M
*****	
Ronialdo	M
Janaína	F
Priscila	F
Suihê	F
Derlei	M
*****	
Felipe 1	M
Reudiones	F
Txonãg	M
Iamany	F
Kawatã	M
*****	
Jecivaldo	M
Leopoldina	F
Akanawã	M
Kawã	M
Nitxinawã	F
Kawãni	F

Maria kirawã	F
*****	
Reginaldo	M
Mayri	F
Waranã	M
Wanawana	F
Inawari	F
Ikahã	M
Ikiwãri	F
*****	
Ayrã	M
Cintia	F
Gueba	F
*****	
Adreano	M
Nayá	F
Davi Miguel	M
Sarayú	F
*****	
Wayenê	M
Rosangela	F
Hanaywá	F
Wayhêwã	M
*****	
Mioticajo	M
Caxinawi	F
Amayhã	F
*****	
Akayrã	M
Ronearia	F
Eduarda Vitória	F
Lucas Gabriel	M
Akayêkã	M
*****	
Luizmar	M
Wareti	F
Aridxawá	F
Ariawá	F
Ektxamani	F
*****	
Rondealdo	M
Jaqueline	F
Amayla	F
Thandra	F
Tessália	F
Wiraktã	M
Wiktxi	M
*****	

Aldergon	F
Darlandia	M
Carolina	F
Itxenere kuãhí	M
*****	
Ginovaldo	M
Sirlei	F
Breno	M
Darlane	F
Maria clara	F
Esdra Rafael	M
Fernando	M
*****	
Badu	M
Maria	F
*****	
Crispiniano	M
Ingrid	F
Arthur	M
*****	
Joao	M
Joelia	F
Ester	F
*****	
Jorlei	M
Zulene	F
*****	
Jeferson	M
Joana kelly	F
Keversson	M
*****	
Valnez	M
Conceição	F
*****	
Crispim	M
Mayne	F
Araykã	M
*****	
Victor 1	M
Nawana	F
Uidxaruá	M
Urapurú	M
Kuãhí	M
Jundiba	F
*****	
Valdir	
Rita	
Uadre 1	

*****	
José Docarmo	M
Vanessa	F
Ualisson	M
Hamãguatã	M
Kandawe	M
*****	
Aparecida	F
Vitor 2	M
Alvãro	M
*****	
Jeritã	M
Mayara	F
Lucimara	F
Lindiaria	F
Mirawe	M
Txuhinã	M
*****	
Dieca	M
Damiana	F
Wilsson	M
Rodrigo	M
Aranawi	F
Renan	M
Niwã	M
*****	
Nicinho	M
Tauane	F
Tawã	M
Rawátã	M
Ektxawã	M
*****	
Maicon bruno	M
Gisele	F
Waraktxé	M
Sãira	F
Kaminã	F
*****	
Felipe 2	M
Ronilde	F
Txamirã	F
Adrian	M
Xanawã	M
Txahuí	M

